

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

EMÍLIA BRAZ

O NORMAL É TECNOLÓGICO
A CISGENERIDADE COMO SOMATÉCNICA

CHAPECÓ
2022

EMILIA BRAZ

O NORMAL É TECNOLÓGICO
A CISGENERIDADE COMO SOMATÉCNICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Feltrin de Souza

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Claudete Gomes Soares

CHAPECÓ

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Braz, Emilia

O normal é tecnológico: A cisgeneridade como somatécnica / Emilia Braz. -- 2022.

70 f.:il.

Orientador: Doutor Fabio Feltrin de Souza

Co-orientadora: Doutora Claudete Gomes Soares

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Ciências Sociais, Chapecó, SC, 2022.

1. Tecnologia. 2. Cisgeneridade. 3. Somatécnica. I. Souza, Fabio Feltrin de, orient. II. Soares, Claudete Gomes, co-orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

EMÍLIA BRAZ

O NORMAL É TECNOLÓGICO
A CISGENERIDADE COMO SOMATÉCNICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 23/03/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fabio Feltrin de Souza – UFFS
Orientador

Prof. Dr. Paula Sandrine Machado – UFRGS
Avaliador

Prof. Dr. Ricardo Machado – UFFS
Avaliador

Dedico este trabalho aos corpos vivos com
suas constantes mutações e seus múltiplos
devires: às somatecas.

AGRADECIMENTOS

Esta monografia é o resultado de um trabalho que vem sendo desenvolvido desde o inverno de 2018 quando, em meio à uma diversidade de antibióticos que estava tomando devido à baixa imunidade, me vi lendo obcecadamente Paul B. Preciado. Conjuntamente à figura de Preciado, outras pessoas se juntaram a mim desde então e muitas outras continuaram comigo desde muito antes.

Primeiramente, ao meu orientador Fábio Feltrin de Souza, com quem me encontrei através de uma discussão de *Manifesto contrassexual* em 2017. Fábio sempre me ofereceu muita liberdade e, ainda mais, muito encorajamento. Foi através dele que pude elaborar um território no qual desenvolver as ideias aqui apresentadas. Ao Fábio, meu agradecimento. Em segundo lugar, meu orientador por pouco tempo e quem me colocou em contato com Fábio, Ricardo Machado. A visão de Ricardo frente aos limites que a universidade pode nos impor é inspiradora. Foi ele quem propiciou um espaço para a discussão de uma variedade de textos, autores e ideias que a institucionalidade local não oferece o espaço necessário para proliferar. Ao Ricardo, meu agradecimento. Em terceiro lugar, minha antiga orientadora e atual coorientadora Claudete Gomes Soares. Claudete representa um exemplo de pessoa e profissional que desejo ser minimamente parecida, dado seu comprometimento, responsabilidade e afeto. Dado seu investimento político e ético, foi através dela que pude, dentro da universidade, questionar seus fundamentos e vislumbrar linhas de fuga. Foi também Claudete quem primeiro se dispôs a estabelecer diálogos políticos e teóricos comigo – formais e informais –, e com quem pude conversar honestamente. A Claudete, meu agradecimento. A presença de vocês três neste momento é extremamente importante para mim. Espero continuar nutrir o carinho e a amizade que sinto por vocês, independentemente de onde nossos caminhos nos levarem.

Agradeço a Paula Sandrine Machado, que se dispôs a estar presente nos momentos finais desse trabalho, e que me acompanhará durante o mestrado. Meus mais sinceros agradecimentos pela receptividade e disponibilidade.

Agradeço as pessoas com quem convivi e vivi durante o período de graduação, tanto colegas de curso quanto colegas de outros espaços da Universidade Federal da Fronteira Sul. Em especial, tenho muito a agradecer a Nathália que esteve comigo desde o primeiro dia e quem organizou minha primeira festa de aniversário de transição em 2016: amiga, as portas de onde quer que eu esteja sempre estarão abertas a você; a Emanuely (Manuela) que também esteve

comigo desde o primeiro dia e quem se mostrou uma das pessoas mais doces que já conheci ou vou conhecer na vida. Nossos rolês com comida e nosso trabalho etnográfico serão sempre lembrados com muito amor e carinho; a Artie que, tendo chegado um ano mais tarde à UFFS, se tornou uma pequena irmã para mim. Sua voz calma e doce é um alento frente aos momentos difíceis que a instituição acadêmica pode proporcionar para uma travesti. Conversar com você é sempre uma dádiva; finalmente, a Laís à quem devo atribuir muito do que lhes apresento escrito aqui. Tendo sido duas vezes minha vizinha, você se tornou uma das minhas melhores amigas e com quem pude melhor desenvolver minhas ideias, fossem elas políticas, teóricas ou pura baboseira sobre sermos taurinas com muita fome. Nosso encontro foi definitivamente uma das melhores coisas que a universidade e Chapecó puderam me oferecer. Sinto saudades de cada uma de vocês, diariamente.

No inverno de 2018 também conheci Heron, a quem agradeço de maneira muito especial pelas demonstrações de amor inesgotáveis e pela paciência nos dias difíceis que ocuparam a escrita dessa monografia. Tendo sido muitas vezes o primeiro com quem compartilhei o que aqui escrevi, agradeço por ter tirado seu tempo para me ouvir. Muito obrigada por apoiar meus sonhos e compartilhar os seus comigo. Todo o amor que eu puder lhe dedicar nunca será o suficiente.

Agradeço a minha família pelo apoio e amor oferecidos a nossa maneira.

Agradeço à família do Heron que sempre se fizeram presentes e prestativos.

Agradeço também a Melissa, William, André, Carol, Gabi, Livia, Cris e Pati: voltar para Francisco Beltrão e lhes ver é muito precioso para mim.

Agradeço aos amigos que fiz em Chapecó, os quais não nomearei individualmente para evitar qualquer esquecimento. Obrigada pelas trocas que, desde quando me mudei para cá, foram essenciais para o que somos hoje.

Como muitos outros, este trabalho é polifônico e nele ouvimos muitas vozes. Quem vos fala não sou eu (autora) mas um agenciamento maquínico com uma miríade de vozes com as quais me encontrei, e, por isso, daqui em diante, falo sempre em “nós”. A quem possibilitou esse encontro e essa cocriação, os amigos daqui e de lá, desde antes ou de agora, meus agradecimentos.

Por um longo período de tempo, acreditei que as pessoas como eu eram as únicas que estavam fodidas. Porque não somos nem nunca seremos como as mulherzinhas de *Adoráveis mulheres* ou como os heróis de James Bond. Agora sei que, na realidade, estamos todos bem fodidos, toda essa merda diz respeito a nós todos, especialmente a *Adoráveis mulheres* e a heróis como James Bond.

PRECIADO, Paul B., 2018b.

Pero salir y vivir afuera de este régimen epistémico y político es todavía hoy terriblemente difícil: en este proceso de transición, no he logrado lo que me había propuesto. No es fácil inventar una nueva lengua, acunâr todos los términos de una nueva gramática. Se trata de una tarea ingente y colectiva. Pero, aunque una vida singular pueda parecer insignificante, nadie se atreverá a decir que el esfuerzo no valía a pena.

PRECIADO, Paul B., 2020c

RESUMO

O presente trabalho dialoga com o trabalho dos Estudos Feministas, dos Science Studies e da Antropologia da Ciência e da Técnica que através da análise da tecnologia questionam os limites do normal e do natural. Este trabalho é uma experimentação arqueogenealógica que elabora uma chave de compreensão da cisgeneridade baseada em suas tecnologias. Através de uma leitura arqueogenealógica, buscamos em autores como Michel Foucault, Thomas Laqueur, Nikki Sullivan, Susan Stryker, Paul B. Preciado, Viviane Vergueiro e Donna Haraway linhas de ancoragem e compreensão para a discussão acerca da cisgeneridade a partir de conceitos como tecnologia política dos corpos, o ciborgue, somateca e somatécnica. Tratamos o problema do corpo fora das oposições binárias que há muito ocupam as discussões no âmbito das ciências humanas e sociais, problematizando tais oposições e conduzindo o debate para o âmbito tecnológico. Para tanto, compreendemos o corpo como sempre e já tecnologizado e a tecnologia sempre e já incorporada. Retomamos o regimes disciplinar e biopolítico foucaultiano para contextualizar histórica e politicamente as condições de possibilidade da somatécnica que elabora os corpos masculinos (homens) e femininos (mulheres) como opostos complementares. Visamos a transificação dos processos de engendramento para então demonstrar como o corpo cis, assim como o corpo trans*, é mediado por uma rede técnica. Demonstraremos como a cisgeneridade é tecnologicamente elaborada ao ser igualada ao normal e ao natural. Sustentamos, portanto, a existência de um funcionamento cis que captura todos os corpos ao engendra-los. Dessa forma, cis e trans* surgem no escopo deste trabalho não como identidades de gênero, mas status de gênero.

Palavras-chave: tecnologia; cisgeneridade; somatécnica.

ABSTRACT

The present work dialogues with the work of Feminist Studies, the Science Studies and the Anthropology of Science and Technics that through the analysis of technology question the limits of the normal and the natural. This work is an archeogenealogical experimentation that elaborates an interpretation key on cisgenderism based on its technologies. Through an archeogenealogical reading, we sought in authors such as Michel Foucault, Thomas Laqueur, Nikki Sullivan, Susan Stryker, Paul B. Preciado, Viviane Vergueiro and Donna Haraway lines of anchorage and comprehension for the discussion about cisgenderism through concepts like political technology of the body, the cyborg, somateca and somatechnics. We treat the problem of the body outside the binary oppositions that have, for a long time, occupied the discussions in the scope of the social and human sciences, problematizing such oppositions and leading the debate into the technological scope. For this purpose, we comprehend the body as always already technologized and the technology as always already embodied. We take up the foucauldian disciplinary and biopolitical regime to historically and politically contextualize the conditions of possibility of the somatechnics that elaborate masculine bodies (men) and feminine ones (women) as complementary opposites. We aim for the transification of the gendering processes to, then, demonstrate how the cis body, as well as the trans* body, is mediated by a technological network. We will demonstrate how cisgenderism is technologically elaborated by being equated to the normal and the natural. Therefore, we sustain the existence of a cis working that captures all bodies by gendering them. This way, cis and trans emerge in the scope of the work not as gender identities, but as statures of gender.

Keywords: technology; cisgenderism; somatechnics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Corpos masculino e feminino nu e “o esqueleto humano”	59
Figura 2 – Esqueletos feminino e masculino do século XVIII expostos lado a lado com esqueletos de animais	60

SUMÁRIO

1	O CORPO COMO FICÇÃO TECNOLÓGICA MODERNA.....	12
1.1	SOMATECA CIBORGUIANA: NOTAS INICIAIS	12
1.2	A MIRADA SOMATÉCNICA: OBJETIVOS	17
1.3	SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE COMO TÉCNICAS DE INCORPORAÇÃO: PROBLEMA E JUSTIFICATIVA	21
1.4	ARQUEOGENEALOGIA DE UMA SOMATÉCNICA: METODOLOGIA E CAPÍTULOS	26
2	AGENCIAMENTO SOMATÉCNICO DISCIPLINAR-BIOPOLÍTICO	29
2.1	TECNOCIÊNCIA	29
2.2	TECNOLOGIAS POLÍTICAS DO CORPO	34
2.3	O NORMAL É TECNOLÓGICO	39
3	ENGENDRAMENTO NORMATIVO	44
3.1	CISGENERIDADE	45
3.2	O REGIME DOS DOIS SEXOS	50
3.3	FUNCIONAMENTO CIS	55
4	IMPLICAÇÕES ÉTICAS, POLÍTICAS E TECNOCIENTÍFICAS DO CORPO POR VIR?.....	62
5	REFERÊNCIAS	67

1 O CORPO COMO FICÇÃO TECNOPOLÍTICA MODERNA

1.1 SOMATECA CIBORGUIANA: NOTAS INICIAIS

“A palavra se faz carne nas naturezas-culturas mortais.” HARAWAY, Donna, 2021, p. 114

Donna Haraway, bióloga e filósofa da ciência que inseriu no debate feminista a figura do ciborgue, “certamente não se parece com [a figura ciborguiana]. [...] Na casa dos [setenta] [...], ela se parece mais com uma tia querida do que com uma ciborgue – esse produto de um bilhão de dólares do complexo industrial-militar dos Estados Unidos.”¹ O ciborgue de Haraway, “filho ilegítimo do militarismo e do capitalismo patriarcal [e do] socialismo de estado”², é um ótimo ponto de partida para as considerações que se seguem. Adjacente ao acelerado aparecimento de novas biotecnologias que, simultaneamente, nos abrem tantas possibilidades e nos oferecem tanto terror, o ciborgue é produto da ficção científica e da realidade social.

Na indústria do entretenimento, por exemplo, o ciborgue é como a personagem Major de *Ghost in the Shell*³, cujo corpo resulta da combinação entre um sistema cibernético de aumento de habilidades, um exoesqueleto hiper-resistente e fragmentos orgânicos, incluindo músculos e o cérebro. Algumas vezes, o ciborgue pode ser como a triste personagem de *Count Zero*, Josef Virek, “o inválido mais caro do mundo”⁴, cujo cérebro é mantido tecnologicamente por máquinas e fluídos artificiais e cujo corpo pode aparecer em quase qualquer lugar através de hologramas gerados por computadores. Na realidade social, isto é, “nas relações sociais vividas”⁵, os ciborgues emergem por todos os lados, podendo ser *hightech* ou *lowtech* e “as quatro principais práticas de gênero disponíveis no mundo ocidental”⁶, isto é, homem e mulher cis e trans, são as formas mais tradicionais de se nomear a experiência de gênero vivida pelos

¹ Kunzru, Hari. “Você é um ciborgue”: um encontro com Donna Haraway. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 20.

² HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 157-212.

³ GHOST in the Shell. Direção de Mamoru Oshii. Japão: Production I.G, 1995. 1 filme (83 min). Disponível em

⁴ GIBSON, William. **Count Zero**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2017.

⁵ HARAWAY, 2019, p. 157

⁶ HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble**: Making Kin in the Chthulucene. Durham and London: Duke University Press, 2016, p. 221.

seres humanos. Mostramos como essas incorporações tecnológicas surgem do mesmo contexto e de práticas tecnocientíficas muito semelhantes às quais anteciparam o ciborgue.

No cinema, vemos o minucioso trabalho de construção do corpo ciborguiano feito em laboratórios de tecnologia em estado da arte. As figuras do laboratório e dos cientistas são centrais para o surgimento do ciborgue, dado sua alta complexidade e gasto financeiro. Além do mais, o gênero de cinema no qual mais vemos ciborgues são as ficções científicas, em especial o *cyberpunk*. Destas narrativas, emergem realidades em que a natureza não configura mais um local ao qual se recorrer para justificar desigualdades ou reforçar estereótipos e divisões sociais, ainda que o contexto socioeconômico retratado nestas obras é, no mínimo, pessimista. O cinema, no entanto, também é uma ferramenta importante para a produção de gênero “como representação e autorrepresentação”⁷ e, de fato, é uma das tecnologias que Teresa de Lauretis identifica. De Lauretis afirma que “a representação de gênero”, tal como acontece no cinema, na academia, nas práticas artísticas, além dos aparelhos ideológicos de Estado, “é a sua construção [e] pode-se dizer que a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção.”⁸

Se a sexualidade e a diferença sexual são comumente empregadas para dar conta da questão “o que lhe faz um homem ou uma mulher?”, o que de Lauretis está propondo em seu ensaio é que tanto a sexualidade quanto a diferença sexual podem ser englobadas por esse fator, tanto real quanto fictício, que é o gênero. O cinema não simplesmente reproduz uma noção cultural ou natural do que são homens ou mulheres ao representa-los em relacionamentos heterossexuais, por exemplo, ou por empregar, em grande maioria, atores e atrizes cisgêneros como se só houvesse essa opção. Ao contrário, o cinema está implicado nessa forma específica de produção de masculinidade e feminilidade, dado que o engendramento de um corpo, isto é, sua significação enquanto “homem” ou “mulher” não se dá e se encerra no momento de nascimento. Tal significação é performativamente produzida através destas cenas, em tempos e espaços contingenciais, o que nos leva à constatação de Judith Butler, para quem o “tornar-se mulher” de Simone de Beauvoir – ou o tornar-se homem inquestionado – nunca termina, mas é contínua e performativamente (re)produzido em diferentes contextos histórico sociais⁹. O cinema constitui um desses espaços de “estilização repetida do corpo”¹⁰ que é o gênero, já que

⁷ DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 121-156.

⁸ DE LAURETIS, 2019, p. 124.

⁹ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 69.

¹⁰ BUTLER, 2016, p. 69.

ele funciona como um “aparato semiótico [...] que atribui significado a indivíduos inseridos na sociedade.”¹¹

Apesar de de Lauretis oferecer um interessante enquadramento quanto à produção tecnológica do corpo, utilizando o cinema como exemplo, algumas feministas enxergam uma limitação em seu uso metafórico da tecnologia. Bernice L. Hausman, por exemplo, entende o uso da noção foucaultiana de “tecnologia sexual” por de Lauretis como “um deslizamento metafórico da esfera da ciência aplicada àquela da produção cultural.”¹² Para Hausman, o problema encontra-se na decisão de de Lauretis em desassociar a tecnologia da prática científica dura (*hardware*) e focar em sua dimensão culturalmente construtiva (*software*). Tal decisão afeta a própria investigação feminista da ciência, uma vez que

O problema [aqui é que] as “tecnologias *materiais* de gênero” nunca recebem atenção alguma: tecnologia é sempre metafórica, nunca apreendida em seu sentido literal e denotativo. Portanto, “gênero” como um produto de tecnologias materiais (especialmente aquelas relacionadas ao corpo e suas funções), e não somente como um efeito de produção ideológica, desaparece enquanto um possível objeto de investigação feminista.¹³

Buscando dar conta desse problema, Hausman se volta para a questão trans*, mais especificamente da transexualidade (*transsexualism*). Ela resume seu projeto da seguinte forma:

Ao argumentar que a transexualidade é um fenômeno do século XX que deveria ser lido de encontro a avanços tecnológicos específicos na ciência médica, estou sugerindo que, como a homossexualidade, a transexualidade é uma categoria de experiência e identidade que pode ser lida como o resultado de condições culturais e sociais específicas.¹⁴

As condições culturais e sociais específicas que Hausman menciona são o “desenvolvimento da endocrinologia e cirurgia plástica como práticas tecnológicas e discursivas”¹⁵. A reflexão de Hausman, ao mesmo tempo que abre a possibilidade de desnaturalizar a posição dos sujeitos engendrados pelo *cistema* sexo-gênero, parte do pressuposto de que o engendramento do corpo ou é natural (a indicação do gênero de uma pessoa, no momento de nascimento ou anterior a ele, a partir de sua genital) ou é tecnológico (a indicação de gênero de pessoas intersexuais ou a “mudança de sexo” – como o título de seu

¹¹ DE LAURETIS, 2019, p. 126.

¹² HAUSMAN, Bernice L. **Changing Sex: Transsexualism, Technology, and the Idea of Gender**. Durham and London: Duke University Press, 1995, p. 15.

¹³ HAUSMAN, 1995, p. 15, destaque da autora.

¹⁴ HAUSMAN, 1995, p. 3.

¹⁵ HAUSMAN, 1995, p. 2.

livro indica – de transexuais tratados no jargão médico de MtF (*Male to Female*), isto é, “homens que se tornam mulheres” na linguagem cisnormativa empregada tanto por Hausman quanto por cientistas (médicos e profissionais da psi, por exemplo).¹⁶

O problema que nós verificamos no trabalho de Hausman, portanto, é o pressuposto de que a atribuição de um sexo (ora natural, ora tecnológica) e a consequente entrada ao aparato semiótico de gênero é inevitável – o que concordamos em partes –, e que a utilização de tecnologias “voltadas” à atribuição sexual para pacientes intersexuais por pessoas trans* resulta na “emergência de uma certa posição em relação à tecnologia médica da qual a transexualidade moderna se desenvolveu”¹⁷ – o que discordamos. Concordamos em partes com o primeiro pressuposto, pois, como Butler nos advertiu, “não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais”¹⁸ e que gênero “é o meio discursivo/cultural pelo qual [...] ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como pré-discursivo [ou como] uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura”¹⁹. Isto é, ao interpretar como tecnológica a atribuição sexual somente de intersexuais, Hausman desconsidera que os mesmos protocolos de gestão e aparatos tecnológicos estão em funcionamento na produção do natural, que neste acaso opera na nomeação do “homem” através do pênis e da “mulher” através da vagina. Isso nos leva ao ponto que discordamos.

Para Hausman, diferentemente de gays e lésbicas que se distanciaram e superaram o discurso patologizante da medicina, transexuais dependeram e se amparam nesse mesmo tipo de discurso²⁰, quer dizer, as condições de possibilidade do sujeito transexual é dependente de sua entrada na linguagem tecnocientífica da taxonomia cisnormativa. Ela se utiliza de dois exemplos, sendo um deles o caso da paciente Agnes, que, na interpretação de Hausman, tirou proveito e enganou o psiquiatra Robert Stoller, o sociólogo Harold Garfinkel e o psicólogo Alexander Rosen além do time que acompanhava seu caso. Agnes, tendo tomado o estrogênio sintético utilizado em uma terapia de reposição hormonal por sua mãe, foi diagnosticada pelos cientistas mencionados enquanto sendo uma pessoa intersexual, “um verdadeiro [caso] de hermafroditismo”²¹. O caso de Agnes é retomado por Paul B. Preciado enquanto um exemplo de bioterrorismo de gênero. Agnes, para este autor, não corrobora com um discurso tecnocientífico cisnormativo, mas, ao contrário, o desvia. Ao chegar no departamento de

¹⁶ HAUSMAN, 1995, p. 2.

¹⁷ HAUSMAN, 1995, p. 19.

¹⁸ BUTLER, 2016, p. 29.

¹⁹ BUTLER, 2016, p. 27, destaque da autora.

²⁰ HAUSMAN, 1995, p. 4.

²¹ PRECIADO, 2018b, p. 398-402.

psiquiatria da Universidade de Califórnia, Agnes foi categorizada como uma mulher, branca e trabalhadora que não apresentava nenhum desvio (travestismo ou homossexualidade)²². Não só tendo Agnes passado pela atribuição sexual (natural) no momento de nascimento, momento a partir do qual foi designada como homem, ela também entrou em relação com a tecnociência médica para alcançar seu objetivo de “tornar-se mulher” ao “[aprender que] a identidade de gênero, seja cis, intersexual ou transexual, não é outra coisa senão um *script*, uma narração, uma ficção performativa, uma retórica [...]”²³

Nesse sentido, “não é o social que explica quem são as pessoas trans, são as pessoas trans que explicam o que é esse social”²⁴, uma vez que o que Agnes faz, em última instância, é expor o funcionamento cis da atribuição sexual. Se retomarmos o ciborgue, temos que pensar como Agnes, assim como a própria Donna Haraway, aparecem como naturais – uma pessoa intersexual, e uma pessoa que aparenta ser uma tia de cinquenta anos de idade sem nenhuma intervenção tecnocientífica. Mais central que a visibilidade tecnológica do ciborgue “é precisamente [sua] ubiquidade e a invisibilidade [...]. Eles são – tanto política quanto materialmente – difíceis de ver.”²⁵ Nesse sentido, longe de como Hausman pensa atribuição sexual – bipartida, ora natural, ora tecnológica –, o caso de Agnes demonstra como ela é, em todos os casos, tecnológica e “[toda tecnologia mecânica e cibernética, analógica ou virtual] é desde o princípio um sistema político que vêm assegurar a reprodução de estruturas socioeconômicas precisas.”²⁶ Gênero, como um sistema de engendramento de corpos e subjetividades, funciona a partir da somatécnica que trataremos neste trabalho devido sua importância para a compreensão de como essa tecnologização do corpo é naturalizada. O ciborgue é central para pensar esse funcionamento cis do gênero. No trecho a seguir, explicaremos o que queremos dizer com "somatécnica" e como ela pode nos apoiar.

²² PRECIADO, 2018b, p. 397-398.

²³ PRECIADO, 2018b, p. 403.

²⁴ FAVERO, Sofia; MARACCI, João Gabriel. Por que falamos em cisnormatividade? **Le Monde Diplomatique Brasil**, Brasília, 09 fev. 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/por-que-falamos-em-cisnormatividade/>. Acesso em: 09 mar. 2022.

²⁵ PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017, p. 163.

²⁶ PRECIADO, 2017, p. 167-168.

1.2 A MIRADA SOMATÉCNICA: OBJETIVOS

Nesse trabalho, argumentamos que o corpo normal é tecnológica e politicamente constituído e que a normalidade é o resultado contingencial e contextual de uma rede tecnopolítica, constituindo, portanto, um agenciamento somatécnico. No escopo desta investigação, gostaríamos de problematizar a forma como o corpo é concebido e constituído como “natural”. Para isso, não utilizaremos interpretações que tomam o corpo como um artefato meramente natural (essencialismo) ou como resultado da elaboração simbólica de limites inteligíveis culturais (construcionismo). Ao contrário, centraremos nossa análise em demonstrar como o corpo está sempre e já emaranhado em uma rede de relações natureza-cultura a partir da qual é impossível distinguir quais são seus atributos eminentemente naturais ou culturais. Para tanto, utilizaremos o conceito de somatécnica, pois compreendemos os processos tecnopolíticos constitutivos do corpo não circunscritos à imagem natural e normalizada que o corpo assume, por exemplo “o corpo da mulher”. Ao contrário, focaremos nas transformações ocasionadas durante a Modernidade que pregam o corpo sob um ideal regulativo ao engendrá-lo enquanto homem/masculino ou mulher/feminino.

O conceito de somatécnica (*somatechnics*) é bastante recente. Surgiu dos debates sobre modificação corporal (*body modification*) que aconteceram entre 2003 e 2005 na Macquarie University, Austrália. Os participantes problematizaram os sentidos e limites suscitados a partir da expressão “modificação corporal”, pois, ancorado nessa expressão, o corpo surgiria como um artefato preexistente que, posteriormente, passaria a ser modificado/modificável. Além do mais, ao delimitar o escopo do trabalho à determinadas práticas de modificação corporal, tais como tatuagem, *piercing* e cirurgia cosmética, outras práticas de constituição corporal eram desconsideradas, como se elas fossem exteriores ao mundo e às relações de poder-saber-verdade que produzem o corpo. Em suma, a noção de modificação corporal, como estava sendo tratada, implicava a criação de um “objeto”, o corpo, que preexistiria ao conjunto de técnicas que possibilitaram sua existência e, posteriormente, a separação entre aqueles corpos que passaram por certas modificações e o resto de corpos, não modificados.²⁷

A centralidade do corpo no arranjo saber-poder-verdade já encontra bastante respaldo nos debates acadêmicos. No entanto, na história do desenrolar técnico, político, científico, social e semiótico do ocidente, ao corpo foi reservado uma posição inferior. Para Renée

²⁷ Retiramos as informações que constam nesse parágrafo do seguinte link: <https://somatechnics.wordpress.com/about-somatechnics/>. Acesso em: 09 mar. 2022.

Descartes, o corpo é dividido em duas dimensões: uma permeada pela razão e outra ocupada pelas emoções. Essa divisão pressupõe a superioridade da primeira dimensão sobre a segunda, isto é, a razão deveria se sobrepor e dominar o corpo em sua incontrollabilidade. Sobre a distinção corpo e mente, Nikki Sullivan e Samantha Murray comentam acerca da profunda somatofobia subtendida na história do ocidente. No imaginário ocidental, o corpo é

[...] concebido (e, portanto, constituído) como uma entidade natural e biológica, a carcaça feita de carne da alma, do eu e/ou da mente que, por sua vez, lhe é superior. [...] a matéria bruta do corpo (como objeto) é constituída no e através deste imaginário particular, como aquilo que o sujeito deve transcender, transformar, dominar e/ou moldar.”²⁸

A partir dessa interpretação, a tecnologia é um instrumento que deve ser manipulado para um único fim, isto é, a transcendência dos limites materiais. O uso adequado da tecnologia, de acordo com a autora, se restringe a alguns princípios, sendo eles o aprimoramento da vida, a obtenção de integridade física e, finalmente, o alcance e a realização, por parte de algum sujeito, de seu verdadeiro eu. A tecnologização do corpo trans*, levando em consideração essa visão instrumentalista, é enquadrada enquanto a) um tratamento médico que aperfeiçoará e vida de quem o utilizar, b) antiético e imoral, uma vez que vai além dos “limites naturais” do corpo e, como exemplo marcante do individualismo liberal, c) direito à autodeterminação, mesmo tal direito não sendo absoluto e exigindo estrita regulamentação²⁹. Sullivan, por outro lado, toma o corpo transgênero como exemplo de uma “[...] construção somatecnológica heterogênea materializada (*comes to matter*) através de maneiras contextualmente específicas e em relação a outras formações discursivas.”³⁰ Sullivan se contrapõe aos entendimentos dos usos da tecnologia expostos anteriormente, uma vez que entre eles há

uma visão instrumentalista da tecnologia [...] através da qual a tecnologia é (constituída como) um objeto externo e manipulável por sujeitos que a utilizam para seus próprios fins [...]. De fato, cada um destes fins é subtendido por uma vontade de dominação que, como Heidegger e Foucault argumentariam, é ela mesma tecnológica. [...] Tecnologia, então, é ao mesmo tempo os meios (contextualmente específicos) pelos quais organizamos o mundo e as maneiras de pensar/saber/ver que nos precedem e pelas quais nos tornamos e devimos.³¹

²⁸ SULLIVAN, Nikki; MURRAY, Samantha (eds.). **Somatechnics: Queering the Technologicalisation of the Body**. Surrey: Ashgate Publishing Limited, 2009, p. 1, tradução nossa.

²⁹ SULLIVAN, Nikki. Somatechnics. **Transgender Studies Quarterly**. vol. 1, n. 1-2, 2014, p. 187-190, tradução nossa.

³⁰ SULLIVAN, 2014, p. 188, tradução nossa.

³¹ SULLIVAN, 2014, p. 189, tradução nossa.

Tendo isso em mente, o conceito de somatécnica busca suplantar a lógica que separa o corpo e as técnicas enquanto componentes de diferentes dimensões. Isto é, do sujeito que se utiliza de objetos (tecnologias) exteriores a si para a realização de alguma tarefa ou exteriorização de seu verdadeiro eu. Ao problematizar essa separação e cunhar o termo somatécnica, busca-se demonstrar que todo corpo existe em relação e é animado por uma rede técnica. Esta rede, por sua vez, é o meio no e através do qual o corpo, a partir de processos de incorporação, se constitui, além de demonstrar como “[...] tecnologias são sempre e já³² inextricavelmente atadas aos sistemas de poder-saber [...] [e são] constitutivas das próprias categorias integrais à construção de subjetividades incorporadas.”³³.

Se o corpo não existe anteriormente às tecnologias que o possibilitam e o trazem à existência e se estas tecnologias estão desde sempre relacionadas ao conjunto saber-poder de um determinado contexto, como conceber e analisar as relações entre corpo (*soma*) e tecnologias (*techné*), sem cair no falso problema essencialismo *versus* construcionismo³⁴? É exatamente na atividade analítica quanto à relação quiasmática e inextricável³⁵ entre o corpo e as técnicas que podemos concluir que “[...] *technés* são os meios dinâmicos nos e através de quais corporeidades e incorporações são construídas, isto é, continuamente engendradas em relação aos outros e ao mundo.”³⁶

A partir do conceito de somatécnica, o corpo, ou *soma*, refere-se a um construto culturalmente inteligível cuja viabilidade depende do *techné*, isto é, dispositivos e tecnologias entendidos de maneira mais literal. O termo somatécnica entende a “[...] incorporação como encarnação (tornar-se carne) ou materialização de discursos e práticas, histórica e culturalmente, específicos [...]”³⁷ Ao entender esse processo como incorporação próstética, o corpo deixa de ser natural e pode passar a ser chamado, de acordo com Preciado, de somateca, ou seja, a compreensão de que o corpo é um arquivo vivo de seus processos de incorporação³⁸.

³² No original em inglês, o termo utilizado é *always already*, que optamos por traduzir por “sempre e já”. Escolhemos essa tradução pois ela parece explicar o que as autoras buscaram expressar melhor do que “desde sempre”. Não utilizamos “sempre” para indicar algo ahistórico ou transhistórico, mas para indicar que todo corpo a todo momento está emaranhado nesse conjunto ou rede de técnicas entre software e hardware.

³³ SULLIVAN; MURRAY, 2009, p. 3 (tradução nossa); SULLIVAN, 2014, p. 188.

³⁴ Preciado retoma essa problemática em *Tecnologias do sexo*, conferir PRECIADO, 2017, p. 147-172.

³⁵ Um quiasma é um cruzamento em X, isto é, o ponto em que *soma* e *techné* se cruzam (o corpo é sempre tecnologizado, a tecnologia é sempre incorporada) ao passo que inextricabilidade refere-se ao que não se pode desembaraçar ou resolver facilmente, isto é, a incapacidade de se distinguir o eminentemente natural do eminentemente cultural.

³⁶ SULLIVAN; MURRAY, 2009, p. 3, tradução nossa.

³⁷ SULLIVAN; MURRAY, 2009, p. 3, tradução nossa.

³⁸ Entre abril e setembro de 2012, Preciado organizou e presidiu o seminário “Somateca: Producción biopolítica, feminismos, prácticas queer y trans” no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofía através do programa de Estudios Avanzados en Prácticas críticas del Museo. Para mais informações, conferir o site do museu:

Como afirma Sullivan, um dos objetivos ao se cunhar tal termo é a queerificação, isto é, a desorganização do que se estabeleceu como normal ao trazer à tona as operações de poder/saber – a soma-tecno-lógica – que constituem os processos de incorporação³⁹.

Através deste conceito, podemos compreender como as técnicas animam e trazem à existência os corpos. Sem as ferramentas teórica e reflexiva adequadas, o corpo pode passar por um artefato natural. Ao contrário, ao afirmar uma relação imprescindível entre *soma* e *technés*, desvelamos as técnicas de poder-saber-verdade disciplinares e biopolíticas que, conjuntamente, normalizam e normatizam os corpos. O corpo, a partir da percepção da lógica somatécnica, perde sua naturalidade e, como resultado, podemos inferir que o que está operando sua naturalização é a própria tecnologia.⁴⁰

Pretendemos, a partir do conceito de somatécnica, tornar tangível a naturalização da cisgeneridade, ou em outras palavras, a territorialização exata de certas partes do corpo como significantes sexuais pela sexopolítica. Para alcançar tal objetivo, devemos descrever, seguindo o trabalho de Foucault⁴¹, uma formação poder-saber que chamaremos de agenciamento somatécnico disciplinar-biopolítico. Nos é relevante compreender o papel que a tecnociência exerceu na modernização – e por que não “elaboração”? – do sexo, da sexualidade e do gênero. Devemos também destacar, seguindo o trabalho de Foucault, assim como o de Laqueur⁴² e de Paula Sibilia⁴³, como a territorialização dos corpos enquanto “homens” ou mulheres” é imprescindível na docilização dos corpos e de seu aumento de capacidade produtiva. Para entender que a razão tecnocientífica moderna não permite os espaços de confusão entre uma posição de sujeito e outra, também devemos entender como a tecnologia de produção de corpos e subjetividades aparece como um funcionamento – funcionamento cis -, capaz de organizar normativamente os corpos e ali onde aparece o normal e o natural, vemos o tecnológico em pleno exercício.

<https://www.museoreinasofia.es/pedagogias/centro-de-estudios/somateca-produccion-biopolitica-feminismos-practicas-queer-trans> e https://radio.museoreinasofia.es/somateca?var_mode=calcul. Acesso em: 09 mar. 2022.

³⁹ SULLIVAN, 2014, p. 188.

⁴⁰ PRECIADO, 2017, p. 154.

⁴¹ FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a; FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b; FOUCAULT, Michel. 1980 – O verdadeiro sexo. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.); FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: Nascimento da prisão. São Paulo: Vozes, 2014a; FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, vol. 1**: A vontade de saber, 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017^a; FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017b.

⁴² LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: Corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

⁴³ SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**. A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

1.3 SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE COMO TÉCNICAS DE INCORPORAÇÃO: PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

Anteriormente, comentamos como a tecnociência está relacionada com a constituição do corpo, isto é, com o sexo, a sexualidade e o gênero. Isso significa dizer que essas categorias são fenômenos resultantes de mudanças sociais ocorridas a partir do século XVII⁴⁴. Entendemos os processos de engendramento⁴⁵ como formas de somatopoder que penetram o corpo e o constituem enquanto ficções somatopolíticas⁴⁶ modernas. Apesar da Modernidade ser composta de diversos eventos difusos que não necessariamente se relacionam, ao tratarmos dela estaremos levando em consideração as modificações e o aparecimento de uma nova lógica de poder identificada por Foucault e o papel ocupado pelo corpo nesses eventos, especialmente quando o assunto é a identificação de seu sexo e de seu gênero.

De acordo com Foucault⁴⁷, há, na passagem da soberania à disciplina, um conjunto de tecnologias políticas do corpo em funcionamento desde o século XVII, que tiveram seu pleno desenvolvimento no decorrer dos séculos XVIII e XIX. Essas tecnologias, funcionando complementarmente, tomam o corpo (individual e político) como objeto central e campo de exercício de poder. A disciplina necessita individualizar os corpos e o biopoder, por outro lado, necessita massificar eventos com a finalidade de melhor controlar e regular os recursos e as populações⁴⁸. Para nós, a junção da ação disciplinar à ação de controle biopolítico resulta em um **agenciamento somatécnico**⁴⁹ que, no processo, estabelece como norma o dimorfismo e a estética da diferença sexual⁵⁰. Gostaríamos de evidenciar que, em vez de serem fatos naturalmente observáveis, a estética da diferença sexual, as ficções somatopolíticas “homem” e “mulher” e, enfim, a cisgeneridade são artefatos tecnologicamente constituídos e

⁴⁴ FOUCAULT, 2017a; LAQUEUR, 2001.

⁴⁵ Teresa de Lauretis, ao comentar sobre “gendered spaces”, afirma que estes são espaços nos quais a própria diferença sexual pode ser “afirmada, tratada, analisada, especificada ou verificada” (DE LAURETIS, 2019, p. 121). Na versão em português de “Technologies of Gender”, decidiu-se por traduzir “gendered spaces” como “espaços gendrados”. No corpo deste trabalho, no entanto, o termo “engendrar” será utilizado para, além de manter o jogo de sentidos que Teresa de Lauretis faz, também evidenciar que sexo, sexualidade e gênero são processos tecnológicos. Engendrar significa, de acordo com o Dicionário Priberam, “dar origem, criar mentalmente, ter origem”. Devemos manter em mente que não estamos à procura das origens desse ou daquele termo ou prática. Nosso trabalho se centralizará na sua localização dentro de uma somatécnica.

⁴⁶ PRECIADO, 2018b, p. 75.

⁴⁷ FOUCAULT, 2014a.

⁴⁸ FOUCAULT, 2014a; 2017a; 2017b.

⁴⁹ STRYKER, Susan; PUGLIESE, Joseph. The somatechnics of race and whiteness. **Social Semiotics**, vol. 9, n. 1, 2009, p. 1-8.

⁵⁰ LAQUEUR, 2001.

incorporados. Tais processos de incorporação são possíveis devido ao agenciamento somatécnico nos quais eles se inserem.

Ao afirmar que centraremos nosso trabalho nos processos de engendramento, devemos estabelecer o que entendemos por sexualidade, sexo e gênero. Tais conceitos são basilares para compreender o engendramento normativo como tecnológico. Concordamos com Preciado quando ele afirma, acerca da sexopolítica, que

Uma sexualidade qualquer implica sempre uma territorialização precisa da boca, da vagina, do ânus. É assim que o pensamento straight assegura o lugar estrutural entre a produção da identidade de gênero e a produção de certos órgãos como órgãos sexuais e reprodutores. Capitalismo sexual e sexo do capitalismo. O sexo do vivente revela ser uma questão central da política e da governabilidade.⁵¹

A função do Império Sexual, portanto, diz respeito ao acoplamento de certas partes do corpo a certas funções naturais. Nesse sentido, podemos falar do engendramento do corpo enquanto cartografia maquínica, ou seja, a boca como máquina de falar, a mão como máquina de segurar, a transformação dos órgãos genitais em máquinas sexuais e reprodutivas, o cu como máquina de cagar fora do circuito sexual⁵². E por funcionar dessa forma, Preciado afirma que o engendramento do corpo é prostético e sua produção é performativa. Apesar das diferenças entre “corpos masculinos” e “corpos femininos” já terem sido notadas⁵³, devemos ter em mente que é a partir da “diferença incomensurável” entre “homens” e “mulheres” que a sexualidade, entendida como parte natural da vida reprodutiva humana, é codificada a partir do binômio heterossexual/homossexual. A partir do estabelecimento difuso do dispositivo de sexualidade iniciado no século XVII, tecnologias políticas do corpo assumem a função de modernização do sexo através de mecanismos de controle e regulação voltados à reprodução do corpo político e à normalização do corpo individual⁵⁴. Nesse sentido, uma função natural do corpo deve ser repensada e apreendida como uma função social

O sexo, assim como a sexualidade, desempenha uma função social. É o resultado da captura e codificação, pela sexopolítica, do corpo. As equações tecnopolíticas masculino =

⁵¹ PRECIADO, 2019, p. 422.

⁵² PRECIADO, 2019, P. 422; PRECIADO, 2018, p. 78.

⁵³ LAQUEUR, 2001 oferece uma reconstrução da história do engendramento dos corpos. O autor perpassa textos sobre o corpo que marcaram cada época: da antiguidade e sua carne única (um sexo e dois gêneros) chegando ao entendimento moderno dos dois corpos, dois sexos e dois gêneros. Notamos que apesar das diferenças entre “homens” e “mulheres” serem fatos socialmente observáveis, as construções acerca do que são estes fatos, como se constituem estes “homens” e “mulheres” e o que os diferem depende de um conjunto prescritivo de tecnologias que não se reduz ao “sexo”. É exatamente nesse sentido que encontramos ao longo do trabalho de Preciado a afirmação de que o corpo se constitui como uma prótese de subjetivação.

⁵⁴ FOUCAULT, 2017a; PRECIADO, 2017; PRECIADO, 2019; PRECIADO, 2018b.

homem = pênis ou feminino = mulher = vagina se tornam verdades anatômicas prostéticas e performáticas. É categórico o que Laqueur (2001) e Foucault (2017a) têm a dizer sobre o sexo. O primeiro afirma que, apesar de outras narrativas ainda circundarem pela Europa do século XVIII, o sexo como o entendemos agora foi inventado a partir da instituição da estética da diferença sexual. O corpo passa a “possuir” dois sexos e dois gêneros distintos e incomensuráveis, o “homem” torna-se o oposto complementar da “mulher” e a relação entre eles se dará de maneira cisheterossexual. Apesar da despatologização da homossexualidade na década de 1970, a sociedade, suas instituições e o imaginário social ainda tratam a heterossexualidade como um fato natural⁵⁵. Devido à incomensurabilidade e complementariedade entre homens e mulheres, a heterossexualidade é naturalizada e normalizada ao passo que a homossexualidade é vista, em relação à essa norma, como um desvio. Se a sexualidade e o sexo são tão fortemente controlados e regulados, eles os são na medida em que as técnicas de poder-saber⁵⁶ funcionam na e através da naturalização e normalização de determinadas práticas em detrimento de outras. Como resultado, certas posições de sujeito são consideradas adequadas e outras desviadas.

Ao conjunto poder-saber, devemos acrescentar um terceiro componente: a verdade. Foucault afirma que a verdade do sexo é construída a partir da entrada do corpo no campo do poder-saber moderno, isto é, a ciência. A modernização do sexo, desde o Renascimento, é resultado da circulação de alguns discursos sobre o corpo concomitantemente ao nascimento do poder disciplinar-biopolítico. Nos séculos XVI e XVII já existia, por parte de anatomistas, a vontade de saber a verdade (sexual) dos corpos. Esse processo é coroado somente com o surgimento das disciplinas tecnocientíficas dos séculos XVIII e XIX, tais como a biologia, psiquiatria, sexologia. Para dar conta da verdade, a prática adotada muitas vezes se resumia a traduzir o recorrente em norma estatística, além de perseguir os desvios que dela escapavam. O corpo sexualmente desviante é criado a partir de estudos sobre a perversão, como o *Psychopathia Sexualis* de Richard von Krafft-Ebing, que tomam a configuração cisheterossexual como o dever-ser da sexualidade. Sobre o sexo enquanto verdade indubitável

⁵⁵ Para uma interessante exploração e genealogia acerca da heterossexualidade, conferir KATZ, 2007 e a aula sobre heterossexualidade proferida por Helena Vieira, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mt2dbhRYAE4>>.

⁵⁶ Além de FOUCAULT, 2014a e FOUCAULT, 2017a, conferir FOUCAULT, 2010b. A partir da aula de 19 de fevereiro de 1975 do curso sobre os anormais, Foucault acrescenta à sua análise acerca do problema da anormalidade o cruzamento com o problema da sexualidade.

e intrínseco à materialidade do corpo, Foucault afirma que ele não passa de um ideal regulativo tornado necessário pelo próprio dispositivo de sexualidade⁵⁷.

É nesse sentido que Laqueur⁵⁸ afirma que o enquadramento do corpo como homem ou mulher é um processo cultural, no qual o gênero, compreendido como uma construção sociohistórica, delimita o que seria um corpo masculino e outro feminino. Se o conceito de gênero é apropriado e utilizado por feministas⁵⁹, talvez seja interessante lembrar que a noção de gênero, enquanto a dimensão psíquica do sexo, surge no contexto tecnocientífico médico, marcando uma ruptura na forma como o corpo é engendrado. Na década de 1950 o termo gênero foi utilizado pela primeira vez para nomear a dimensão social e discursiva da “materialidade” do sexo. No hospital da Universidade Johns Hopkins, o pediatra John Money trabalha com a correção de corpos de recém-nascidos intersexo⁶⁰. Sua teoria afirma poder mudar o gênero daqueles corpos que, no momento de nascimento, não foram codificados como masculino ou feminino. A genitália, incapaz de ser utilizada para atribuição sexual, uma anomalia e um erro genéticos, deveria ser, então, tecnologicamente corrigida. A partir de tal constatação médica, aquele corpo, cuja genitália e combinação cromossômica não se encaixam no formato prescrito pela biologia, deveria ser cirúrgica, cosmética e hormonalmente naturalizado. Atribuir-se-ia um sexo e um gênero a um corpo, e, obrigatoriamente, uma combinação sexo-gênero que correspondesse às expectativas culturais cisnormativas do que se considerava homem e mulher.

Nosso foco centra-se mais nesses processos do que nas identidades trans*⁶¹ ou cisgêneras propriamente ditas. Dado que partimos do pressuposto de que todos os corpos são capturados e produzidos por essa rede de tecnologias que chamamos de somatécnica, queremos

⁵⁷ FOUCAULT, 2017a, p. 168.

⁵⁸ LAQUEUR, 2001, p. 19.

⁵⁹ Igualmente reapropriado e ressignificado, o termo “feminista” que, no século XIX, refere-se a homens que, atacados por tuberculose, desenvolvem características físicas e espirituais femininas, isto é, efeminizam-se e, portanto, tornam-se feministas. Mais tarde, o termo designará homens que apoiam o voto feminino. Para mais informações, conferir PRECIADO, 2015 e 2018c.

⁶⁰ Os termos utilizados para se referir à “ambiguidade” sexual de um corpo são hermafrodita e intersexual. O primeiro termo data de uma época em que o imaginário sobre os corpos permitia a mistura ou a coexistência de dois sexos em um corpo, tal como a imagem do filho dos deuses gregos Afrodite e Hermes, Hermafrodito, ao passo que o segundo termo busca nomear, dentro de um contexto marcado pela racionalidade científica, um estágio entre dois extremos já em uma época organizada pela divisão dos dois sexos como opostos incomensuráveis. Sobre sexo, gênero e intersexualidade, além dos comentários encontrados nas obras de Preciado já mencionadas, conferir os seguintes trabalhos: FAUSTO-STERLING, Anne. **Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality**. New York: Basic Books, 2000. HAUSMAN, Bernice, 1995.

⁶¹ Utilizamos o asterisco após o termo trans para indicar que através dele nos referimos à uma multiplicidade de identidades, corporeidades e vivências, entre elas homens e mulheres transexuais, pessoas não-binárias ou transgêneras, travestis, etc. A utilização do asterisco, de inspiração transfeminista, busca dar conta mas sem apagar, reduzir ou inviabilizar as diferenças entre nenhum desses sujeitos não-cisgêneros. No site do movimento transfeminista brasileiro encontramos uma breve definição do termo trans* como guarda-chuva, disponível no seguinte link: <https://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/>. Acesso em: 09 mar. 2022.

dizer que o *cistema*⁶² é efetivo em suas operações de captura. De outra forma, por que tantas pessoas se afirmariam homens ou mulheres e por que estas duas categorias se apresentariam como as únicas possíveis? Há um momento no qual um sexo e o gênero são performativamente designados aos corpos e quando isso não é possível, como nos casos de corpos intersexuais, tal corpo passa por uma série de intervenções que visa a sua correta designação. Tais processos existem porque, de fato, não há nada de natural sobre o corpo, mesmo aqueles cuja designação foi imediata⁶³. Por um longo tempo, os corpos trans* tiveram papel central nas análises que precederam e possibilitaram a escrita dessas páginas. A partir da constatação da cisgeneridade como um artefato tão construído quanto a transexualidade, travestilidade e transgeneridade, nos perguntávamos por que pessoas trans* afirmavam-se homens e mulheres⁶⁴.

Foi muito recentemente que percebemos que o foco não deve estar, pelo menos não exclusivamente, nos corpos trans* ou em suas narrativas, mesmo ao se utilizarem da metafísica da verdade do gênero para descreverem suas subjetividades e seus corpos. Ao contrário, ao conceber a estética da diferença sexual enquanto um artefato somatecnológico operando cortes em todos os corpos, chegamos às operações de engendramento do corpo cis. Propor o conceito de cisgeneridade não implicaria, portanto, somente na desnaturalização e descentralização da cisgeneridade, mas gostaríamos de sublinhar que o corpo, cis ou trans*, é sempre e já modificado. Desde algum tempo, nos meios digitais, vemos pessoas afirmarem que modificações corporais através de hormônios ou cirurgias não definem uma pessoa trans*. Portanto, devemos olhar para esta questão da modificação ou não dos corpos a partir de um outro ponto de vista, pois queremos demonstrar que não há uma razão de ser transcendental da diferenciação entre cis e trans*, especialmente o processo de transição de gênero. As práticas necropolíticas e de precarização enfrentadas pelos corpos trans* emergem a partir da

⁶² Cistema, como um neologismo das palavras cis + sistema, analisa a cisgeneridade como uma máquina de construção de (in)inteligibilidade social que toma para si a tarefa de localizar e demarcar no corpo aquilo que ela constrói como uma verdade auto evidente que seria normal por natureza. Os trabalhos de SILVA, 2018 e VERGUEIRO, 2015 foram os primeiros no circuito acadêmico a desenvolver analítica e criticamente o conceito de cistema.

⁶³ Retomaremos adiante o momento de designação sexual e de gênero, mas por ora é importante comentar: de acordo com Preciado (2017), o que está sempre em funcionamento ao se designar um sexo e um gênero à uma pessoa é o que o autor chama de mesa abstrata de operações operando cortes sobre o corpo, construindo-o prosteticamente.

⁶⁴ É bastante comum as afirmações “sou homem/mulher de verdade” por parte de pessoas trans*. Um exemplo bastante ilustrativo é uma charge compartilhada no perfil de instagram da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Nela, vemos em uma imagem que apresenta uma mulher cis e uma mulher trans* enquanto mulheres biológicas, em comparação à Barbie, boneca de plástico, que, por outro lado, não é uma mulher “de verdade”. A imagem afirma que as mulheres cis e trans*, por serem humanas “de carne e osso”, são mulheres de verdade, pressupondo que a biologia atesta sua veracidade. A Barbie, por outro lado, objeto de plástico, encontra-se no campo dos objetos não-humanos e, portanto, não pode ser considerada uma mulher de verdade. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CHYkSvCHCVa/>. Acesso em: 09 mar. 2022.

constituição, como natural e normal, da cisgeneridade. Neste sentido, a constituição de uma verdade do gênero e do sexo (científica, religiosa, social, biológica, cromossômica, gonadal) autoriza o altericídio praticado contra corpos denominados e percebidos como trans*, relegando ao lugar do Outro e do abjeto certos corpos que estão, também, em diálogo com as tecnologias que organizam, segmentam e territorializam os corpos.

1.4 ARQUEOGENEALOGIA DE UMA SOMATÉCNICA: METODOLOGIA E CAPÍTULOS

Aos modos de um rizoma⁶⁵, dividimos nosso trabalho em dois capítulos que, apesar de se complementarem, podem ser lidos separada ou aleatoriamente. Além de sua composição e desenvolvimento (problema, objetivos e metodologia), este trabalho se implica ética e politicamente com seus questionamentos, pois elucidar a tecnologização do corpo e a incorporação da tecnologia se mostra um meio de lidar com o problema do altericídio vivenciado por pessoas trans*. Uma vez que observamos o desenvolvimento de técnicas de poder-saber modernas que informam e animam o corpo, escolhemos certos momentos da história da modernidade e delineamos, a partir deles, os limites de uma somatécnica cisnormativa. Apoiamo-nos profundamente no trabalho de Michel Foucault para desenvolver as linhas aqui escritas, não somente a partir de seu trabalho sobre a modernidade mas também em referência à metodologia por ele utilizada. A partir do trabalho de Foucault sobre os regimes de poder e saber, captamos, através de dispositivos que delimitam o que se pode dizer e o que se pode ver, não somente técnicas de objetivação e subjetivação dos sujeitos e dos discursos, mas também a maneira descontínua – de fato, rizomática – que a realidade e as relações sociais se estabelecem.

Tomemos como exemplo o dispositivo de sexualidade. Podemos dizer que um dispositivo é um nóculo de fluxos de poder-saber, um emaranhado de linhas de visibilidade e de dizibilidade, que resulta de movimentos múltiplos. Um dispositivo é uma tecnologia política do corpo que se constitui contingencialmente a partir de sua aplicação no e sobre o corpo ao tomá-lo como objeto de conhecimento e área de exercício de poder. O domínio da sexualidade necessita de certas condições de possibilidade históricas e sociais que são concomitantes ao exercício do poder e do desenvolvimento do saber: a sexualidade não é externa aos discursos

⁶⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**, vol. 1. 2. ed.ção. São Paulo: Editora 34, 2011a.

que a produzem, mas é ela mesma um exercício de poder que se dá a partir de táticas locais do poder-saber⁶⁶. Para Foucault, trata-se de analisar os eventos em sua descontinuidade ao invés de encontrar uma história íntegra e contínua; trata-se não de lançar mão de categorias universais; ao contrário, trata-se de encontrar as técnicas que de fato funcionam num determinado período nos processos de objetivação e subjetivação.

Para tanto, Foucault fará uma leitura tanto arqueológica quanto genealógica dos eventos que marcaram a Modernidade e das técnicas efetivamente em funcionamento. Trata-se também de uma análise na mudança sobre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido através da análise dos dispositivos que incorporam em si as mudanças ocasionadas a partir do conjunto poder-saber⁶⁷ e seus discursos⁶⁸. Como cartografamos a somatécnica disciplinar-biopolítica, nos empenharemos em fazer uma leitura arqueogenealógica da modernidade foucaultiana visando encontrar tanto o dizível quanto o visível que constituem tal somatécnica. Nesse sentido, busca-se fazer uma leitura arqueogenealógica dos discursos que instituem um determinado corpo (*soma*) e quais técnicas (*techné*) são mobilizadas nesses processos visando demonstrar como a cisgeneridade pode, ela mesma, funcionar como um dispositivo para entender a constituição do corpo em termos de normal e patológico. Característico à esta metodologia é uma busca em, além de criticar, ir além dos limites encontrados pelos autores que lemos. Encontrar os germes da cisgeneridade na elaboração tecnocientífica da diferença incomensurável entre os sexos e na estética da diferença sexual do século XVIII, assim como na docilização dos corpos, é uma maneira de contextualizar as técnicas *soft* e *hard* operando naquele momento.

No capítulo *Tecnologias do corpo ou agenciamento somatécnico disciplinar-biopolítico* apresentamos as noções de tecnociência e tecnologia, disciplina e biopolítica, seus funcionamentos individualizantes e massificante e, principalmente, o conceito de tecnologias políticas do corpo. Com o intuito de descrever o que chamamos de agenciamento somatécnico disciplinar-biopolítico, fazemos alguns apontamentos sobre a constituição do normal e do natural na modernidade racionalizada. A análise de tais categorias contribuiu para a percepção da relação entre disciplina, biopolítica e a necessidade de indicar o sexo e o gênero dos corpos. Através deste percurso, concluiremos o segundo capítulo tendo demonstrado como as categorias “homem” e “mulher”, enquanto técnicas de subjetivação e incorporação, se inserem

⁶⁶ FOUCAULT, 2017a, pp. 85-144

⁶⁷ FOUCAULT, Michel, 2014a.

⁶⁸ FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 27ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

numa somatécnica maior de docilização do corpo e sua inserção nos eventos massivos característicos da população. Neste contexto, as ficções somatopolíticas “homem” e “mulher”, ao invés de serem evidências anatômico-ontológicas, surgem como o resultado e o meio da estética da diferença sexual, possibilitando enxergar como o natural é tecnologizado.

No capítulo seguinte *Engendramento normativo*, aprofundamos os apontamentos sobre a constituição do corpo a partir de sua mediação pela noção de norma. Pensaremos como a estética da diferença sexual se apoia nas nascentes definições e disciplinas que se orientam a partir do reconhecimento e definição do normal e do patológico a partir da distinção sexual e o estabelecimento dos gêneros masculino e feminino. Acerca do que se trata e quais os limites da normalidade, trabalharemos com a genealogia feita por Foucault em seu curso no Collège de France sobre os anormais. A partir desse percurso, apontaremos como o funcionamento cis exerce a organização dos órgãos e dos corpos. Ao fim deste capítulo, devemos ter compreendido como as noções de “homem” e “mulher”, sua identificação e fixação nos corpos, necessitam de um arcabouço tecnopolítico que naturaliza e normaliza tais noções ao incorporá-las através dos vetores gênero e sexo. O funcionamento cis, como demonstraremos, é esse processo de organização dos corpos de acordo com a sexopolítica moderna ocidental, que, desde os desenhos anatômicos, buscam delimitar o que é e o que pode um corpo.

Fechamos este trabalho com um ensaio conclusivo, ao invés de uma conclusão propriamente dita. Como buscamos demonstrar, a somatécnica efetivamente funciona animando os corpos, instituindo seu organismo, estabelecendo seus lugares no *socius*, pois, de fato, as pessoas entendem-se e nomeiam-se de homens ou mulheres. No entanto, quais linhas de fuga surgem em meados a tantas linhas duras de engendramento? É possível a constituição de outro corpo, um corpo contrassexual, através da profanação dessa somatécnica? Neste ensaio, trataremos destes processos de profanação, ensaiando a cartografia de uma outra somatécnica.

2 AGENCIAMENTO SOMATÉCNICO DISCIPLINAR-BIOPOLÍTICO

“[...] somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues.” (HARAWAY, Donna, 2009, p. 37)

Paul Beatriz Preciado nomeia de somateca o corpo historicizado, naturalizado, sexuado e engendrado e de sexopolítica a tomada do corpo pelo regime da diferença sexual como centro de exercício de poder. Partimos destes conceitos, pois o que buscaremos fazer neste trabalho, e especialmente neste capítulo, é entender o contexto no qual o engendramento do corpo acontece e quais tecnologias políticas o poder compõe neste processo. Este corpo denominado de somateca não é natural, mas naturalizado; nem tem um sexo ou um gênero, mas cuja existência é engendada pelo *cistema* sexo-gênero.

O regime da diferença sexual, ou a cisnormatividade, segmenta os corpos de um modo que funciona duplamente a partir de sua docilização e normalização/normatização. Estaremos, portanto, em diálogo com Michel Foucault a partir dos diagramas de poder disciplinar e biopolítico. Este vínculo é de inspiração preciadiana, para quem pensar o corpo implica pensar em tecnologias prótesicas e bioarquiteturais⁶⁹ inscritas nisto que ele chamará de história das tecnologias⁷⁰. O diálogo com Preciado mostrou-se indicativo de quão importante é a noção de tecnologia e seus funcionamentos para entender os processos históricos pelos quais tecnologia se torna carne e a carne é tecnologizada.

2.1 TECNOCIÊNCIA

O discurso científico, herdeiro colonial, ao se estabelecer como referência unívoca da verdade, estrutura o que ainda hoje insistentemente entendemos por natureza. Tal discurso orienta-se pela centralidade de um determinado tipo de discurso incorporado no desenrolar disso que chamam de evolução humana. O homem, branco, iluminado, racional, capaz assume papel central perante todas as outras formas de vida, sejam elas humanas ou extra-humanas.

⁶⁹Bioarchitectural technologies aparece na introdução que Preciado escreveu à edição norte-americana de *Manifesto contrassexual*. O trabalho que Preciado elabora surge de sua leitura desviada da arquitetura, pensando o corpo como um dos espaços que as tecnologias disciplinares e biopolíticas elaboram. Preciado comenta acerca dessa capacidade quase ontológica do corpo de ser elaborado e modificado, por isso o uso de termos como “bioarquitetura” ou “prótese”. Na sua introdução, Preciado comenta acerca dessa dimensão de seu trabalho. Para uma profundidade maior da relação entre arquitetura disciplinares e o corpo, conferir PRECIADO, 2013 e PRECIADO, 2020b.

⁷⁰ PRECIADO, 2017, p. 3

Devemos considerar que, longe de um natural desenrolar de fatos concretos ou o resultado de descobrimentos científicos pretensamente neutros, a constituição disto que chamamos de natureza não se dá senão através do estabelecimento de relações de poder entre forças desiguais que culmina em hierarquizações. A constituição de *uma* natureza, podemos inferir, organiza a realidade a partir do funcionamento de somatécnicas que estabelecem critérios binários euro e etnocêntricos. Um dos binarismos postos em funcionamento para definir o que é o humano surge do desenvolvimento tecnológico marcado pelo par binário tecnologia/natureza⁷¹. Tecnologia, ou desenvolvimento e capacidade tecnológicos, portanto, diferenciam o humano do não-humano.

Como a tecnologia funciona, então, na diferenciação do humano e do não-humano? Devemos lembrar que a antropologia evolucionista e os museus assumiram, desde o século XIX, papel central ao proporem uma organização linear entre culturas extremamente diferentes entre si. Assumindo que todas estariam no mesmo contínuo somatécnico, os evolucionistas fizeram exposições que ofereciam uma amostra da capacidade humana, do nível mais rudimentar ao mais avançado, “[...] [reduzindo] as diferenças culturais a estágios históricos de um mesmo caminho evolutivo.”⁷² Neste sentido, trabalhos de Lewis Henry Morgan, Edward Burnett Tylor e James George Frazer, representantes do pensamento antropológico em sua fase germinal, desempenharam um forte papel na classificação dos diversos conjuntos somatécnicos de fora da Europa. O raciocínio, baseado na crença de uma história única e linear da humanidade, possibilitou-lhes, simultaneamente, tomar o Ocidente como exemplo de desenvolvimento somatécnico e interpretar como atrasados e selvagens todos os coletivos com os quais entrou em contato, delegando-os ao lugar de não-humano.

A ideia de tecnologia que utilizamos aqui busca dar conta desse conjunto somatécnico, um conglomerado de linhas que é simultaneamente *software* e *hardware*. Ao fazer isso, a relação inextricável entre categorias de inteligibilidade social (*soma*) e objetos técnicos (*techné*) emergem como central. Neste sentido, ao olharmos para o emaranhado de linhas (*hard* e *soft*) que compõem uma somatécnica, podemos questionar a emergência de um determinado corpo. Seguindo uma pista de Preciado, ao invés de pensarmos a tecnologia como algo que modifica a natureza dada, devemos “[...] pensá[-la] como a produção mesma dessa natureza.”⁷³ Atualmente, os processos tecnológicos que animam e/ou organizam o corpo hibridizam-se, ora

⁷¹ PRECIADO, 2017, p. 148

⁷² CASTRO, Celso (org.). **Evolucionismo cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

⁷³ PRECIADO, 2017. p. 154.

visíveis ora invisíveis, obtendo sucesso passando por artefatos naturais nisto que podemos chamar de a construção próstética do corpo.

De acordo com Paula Sibilia, foram as escandalosas palavras do renascentista Giovanni Pico della Mirandola, em 1486, que captaram a essência (in)definitiva do corpo humano e sua dimensão bioarquitetural e próstética. Defendia ele em sua *Oratio de Hominis Dignitate*: “[...] o homem se revelara subitamente como uma criatura miraculosa, pois sua natureza continha todos os elementos capazes de torná-lo seu próprio arquiteto”, “[...] um projeto que compreende toda a fauna e a flora da Terra.”⁷⁴ Sibilia diferencia duas tendências tecnocientíficas de bases mitológicas e filosóficas opostas, uma prometeica e outra fáustica. A primeira, cujo nome inspira-se no personagem da mitologia grega Prometeu, opera em um mundo analógico cujas práticas precedem e são impulsionadas pelo desenvolvimento do capitalismo a partir da Revolução Industrial em 1780. Para Sibilia, a noção de tecnociência deve ser entendida da seguinte maneira:

Existiria um ‘*programa tecnológico oculto*’ no projeto científico [...] de maneira que sua fecundidade nessa área não seria um mero subproduto da ciência – entendida como um saber que apontaria, fundamentalmente, para o conhecimento puro e abstrato –, mas seria, ao contrário, *seu objetivo primordial*. Assim [...] os procedimentos científicos não visariam à verdade ou ao conhecimento da natureza íntima das coisas, *mas somente à compreensão restringida dos fenômenos para exercer a previsão e o controle – ambos propósitos profundamente técnicos*.⁷⁵

O século XVIII é relevante para este trabalho em vários sentidos, pois, não somente vemos o advento e hegemonização da industrialização e do capitalismo, mas é nele também que Michel Foucault reconhece a transição das sociedades soberanas para as disciplinares. Além do mais, é nesse período que Thomas Laqueur identifica a invenção do sexo tal qual o conhecemos hoje em dia, qual seja, dois sexos incomensuravelmente diferentes, mas complementares. É neste contexto de diversas transformações somatécnicas que pensamos os processos constitutivos do corpo a partir da noção de natureza como eminentemente tecnológica (tecnologização da natureza) e a relação entre tecnologia e corpo (incorporação das tecnologias).

Na tecnociência prometeica, de inspiração iluminista, a natureza existe como um fato dado. O trabalho da tecnologia, portanto, consistiria no aperfeiçoamento do corpo para aquelas funções cuja capacidade lhe era inexistente ou insuficiente. Marcados pela falsa neutralidade e pureza do conhecimento científico, os cientistas prometeicos acreditavam que “[o]

⁷⁴ SIBILIA, 2015. p. 13-15.

⁷⁵ SIBILIA, 2015, p. 49, destaques meus.

desenvolvimento gradativo e a acumulação de descobertas importantes levariam à construção de uma sociedade racional e, portanto, mais justa, assentada numa sólida base científico-industrial capaz de erradicar a miséria humana.”⁷⁶ A ciência, entendida enquanto técnica, portanto, seria exterior ao corpo e aplicada sobre ele respeitando seus limites naturais, “[...] já que os artefatos técnicos constituem meras extensões, projeções e ampliações das capacidades biológicas.”⁷⁷

Como Preciado nota, para a tecnociência prometeica, a tecnologia é entendida enquanto a aplicação de técnicas mecânicas sobre um corpo tomado como natural, suplementando-o exteriormente. Para estes cientistas prometeicos, o corpo, conjuntamente com o resto das coisas observáveis no mundo, faz parte da natureza, ou seja, faz parte daquela dimensão que foi tomada como algo a ser dominado. O corpo, então, torna-se objeto de conhecimento da ciência desde o século XV com sua dessacralização e abertura, literal e metafórica, pela ciência secular dos anatomistas da Renascença. Sibilia nota que já em sua versão prometeica, a tecnociência possui o que ela chama de vocação biopolítica, cuja meta “[...] consistia [...] em gerir as vidas e os corpos de todos os homens sob a luz de suas descobertas [...] [o] que logo seria motorizado pelas forças da revolução industrial e seus prometeicos saberes.”⁷⁸

Em seu exercício contingencial, é essencial à tecnociência prometeica e ao seu programa tecnológico oculto de viés biopolítico (previsão e controle de fenômenos) compreender o funcionamento do corpo. A abertura do corpo – e não somente de corpos humanos – é uma das formas pelas quais tal previsão e controle tornam-se possíveis. Retirar o corpo da esfera mágica, forma de conhecimento dominante até então, e realocá-lo no campo do conhecimento científico é parte desse desenvolvimento moderno da ciência e da criação de áreas específicas de conhecimento. Sobre essa nova interpretação acerca do corpo que se presencia no decorrer dos séculos XVII e XVIII, Foucault comenta o seguinte:

A história de um ser vivo era esse ser mesmo, no interior de toda a rede semântica que o ligava ao mundo. A divisão, para nós evidente, entre o que vemos, o que os outros observaram e transmitiram, o que os outros enfim imaginam ou em que crêem ingenuamente, a grande tripartição, aparentemente tão simples e tão imediata, entre a Observação, o Documento e a Fábula não existia. E não porque a ciência hesitasse entre uma vocação racional e todo um peso de tradição ingênua, mas por uma razão

⁷⁶ SIBILIA, 2015. p. 46.

⁷⁷ SIBILIA, 2015. p. 48.

⁷⁸ SIBILIA, 2015. p. 80.

bem mais precisa e bem mais constringente é que os signos faziam parte das coisas, ao passo que no século XVII eles se tornam modos de representação.⁷⁹

O desenvolvimento tecnocientífico que testemunhamos desenrolou-se durante os séculos XVIII e XIX, tendo iniciado na descontinuação da modernidade com a época que Foucault denominou de era clássica. É nas rupturas e rachaduras, isto é, descontinuidades entre as duas epistemes que o conhecimento tecnocientífico moderno se funda. Cada vez mais se nota uma metamorfose do imaginário mágico característico dos séculos XV-XVI em direção ao imaginário racionalista moderno. Foucault continua:

A história natural encontra seu lugar nessa distância agora aberta entre as coisas e as palavras – distância silenciosa, isenta de toda sedimentação verbal e, contudo, articulada segundo os elementos da representação, aqueles mesmo que, de pleno direito, poderão ser nomeados. [...] Na constituição da história natural, com o clima empírico em que se desenvolve, não se deve ver a experiência forçando, bem ou mal, o acesso de um conhecimento que espreitava alhures a verdade da natureza; a história natural – eis porque ela apareceu precisamente nesse momento – é o espaço aberto na representação por uma análise que se antecipa à possibilidade de nomear. É a possibilidade de *ver* o que se poderá *dizer*, mas que não se poderia dizer depois, nem ver, a distância, se as coisas e as palavras distintas umas das outras, não se comunicassem, desde o início, numa representação. [...] A instauração, na idade clássica, de uma ciência natural não é o efeito direto ou indireto da transferência de uma racionalidade formada alhures (a propósito da geometria ou da mecânica). É uma formação distinta, tendo sua arqueologia própria, ainda que ligada (mas segundo o modo da correlação e da simultaneidade) à teoria geral dos signos e ao projeto de *máthêsis* universal.⁸⁰

Antes de olharmos mais diretamente para um exemplo de como essa tecnociência se manifesta (a mudança do isomorfismo para o dimorfismo), devemos buscar compreender em que contexto se localizam essas mudanças. Sibilia nos remete ao relógio enquanto uma das mais importantes técnicas disciplinares prometeicas do capitalismo industrial, “[...] cuja única função consiste em marcar mecanicamente a passagem do tempo [...].”⁸¹ A marcação mecânica do tempo das atividades é um dos fatores mais importantes no contexto das sociedades disciplinares descritas por Foucault, cujo trabalho foi o de “[...] [analisar] os mecanismos que fizeram funcionar a sociedade industrial num ritmo sempre cronometrado por infinitos relógios [...]”⁸²

⁷⁹ FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: Uma arqueologia das Ciências Humanas. 8ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 177. Thomas Laqueur (2001) também oferece uma longa observação sobre o trabalho dos anatomistas e a representação do corpo, em especial ao que se diz respeito aos “órgãos sexuais”. O autor comenta também da própria composição das imagens encontradas em livros de anatomia dessa época.

⁸⁰ FOUCAULT, Michel, 1999. p. 177-178, destaques do autor.

⁸¹ SIBILIA, 2015. p. 21.

⁸² SIBILIA, 2015. p. 23.

2.2 TECNOLOGIAS POLÍTICAS DO CORPO

Foucault inicia *Vigiar e Punir* comparando a pena do regicida Robert-François Damiens com o regulamento da Casa dos jovens detentos em Paris. Apesar de estarem separados por apenas três décadas, estes exemplos indicam as profundas mudanças que Foucault reconhece no campo jurídico e da lei. A passagem de um regime a outro diz respeito às diferentes concepções sobre o corpo do condenado. Do julgamento público, marcado pela extrema violência do suplício, a forma de julgamento mais velada, longe do olhar público. O medo de esquartejamento é substituído pela “[...] certeza de ser punido [...] que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro [...].”⁸³

Talvez marcada pela máxima de Descartes “penso, logo existo” que “[...] lhe permitiria confirmar a existência de uma ‘substância imaterial’, localizada no cérebro e que tinha uma importância fundamental para o ser humano [...]”⁸⁴, essa mudança é articulada a partir de uma distinção entre corpo e alma. As observações Foucault o levam a crer que não mais o objeto da punição deve ser o corpo, vítima de punições extremas e muitas vezes levado até a morte, mas mais importante agora são os efeitos sobre a alma⁸⁵. “[...] À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições.”⁸⁶ O corpo ainda se encontra numa relação com o castigo, mas não mais como era durante a época do suplício. O castigo, que nesse momento assume a forma da prisão e do trabalho forçado, por exemplo, se insere em uma nova rede técnica visando não mais o controle das infrações, mas sua previsão e impedimento. Central se torna o controle “[...] [d]aquilo que [os indivíduos] são, serão, ou possam ser.”⁸⁷

O que seria, portanto, essa alma que marca a transição do sistema de punições para o sistema de correções? Falar em alma não nos levaria a pensar em termos metafísicos e abstratos sobre uma realidade intangível? Ou estaríamos pensando sobre a alma em termos teológicos? Distanciando-se dessas perspectivas, Foucault a define da seguinte maneira:

⁸³ FOUCAULT, 2014a. p. 14.

⁸⁴ SIBILIA, 2015. p. 75.

⁸⁵ O corpo punido pelo suplício, no entanto, nunca era “exageradamente” ferido, pois acreditava-se que a alma deveria ser mantida para a punição sagrada, o que não seria possível se o corpo fosse brutalizado em demasia. Também devemos manter em mente que o desenvolvimento da modernidade é marcada por essa mudança no Ocidente ao mesmo tempo que outros coletivos, submetidos ao poder colonial, passaram a ser submetidos cada vez mais à práticas de violência extrema. Como mencionado em Mbembe (2018) a violência dispensada contra estes outros coletivos faz parte da Razão Negra.

⁸⁶ FOUCAULT, 2014a. p. 21.

⁸⁷ FOUCAULT, 2014a, p. 23

[a alma é] o elemento onde se articulam os efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber, a engrenagem pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder. [...] Uma ‘alma’ o habita [ao homem] e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo.”⁸⁸

Podemos pensar nesta alma em termos de subjetividade. Uma subjetividade é o resultado dos processos de subjetivação mediados por regimes de poder-saber, que, por sua vez, estabelecem “[...] certas regras, obrigações, limitações e proibições.”⁸⁹ Ao darmos o nome de subjetividade para isto que Foucault chama de alma, podemos interpretar a citação anterior da seguinte maneira: a subjetividade é, ao mesmo tempo, o resultado e o meio através do qual poder e saber delimitam e constroem aquilo que dizem apenas descrever⁹⁰. As forças do poder e os campos de conhecimento do saber estão, de acordo com Foucault, sempre embaraçados. Poder, saber e verdade constituem vetores importantes para o desenvolvimento de tecnologias modernas. Sobre isso, Foucault afirma que é

preciso considerar [...] que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas.⁹¹

Disciplina é a forma que Foucault nomeia parte deste novo regime de saber-poder que se instaura com o desenvolvimento industrial da modernidade a partir do final do século XVII. A relação embaraçosa poder-saber, de acordo com Foucault, pode ser nomeada técnica ou de tecnologia política do corpo. O que se quer dizer com isto é que, não somente o corpo em sua dimensão naturalmente dada, ou melhor, o corpo construído como natural, é investido de tecnologias que dão conta de fatos naturais. Também busca-se demonstrar que essas tecnologias são simultaneamente *hardware* e *software*, uma vez que “[...] o corpo está diretamente mergulhado num campo político [...]”⁹² O corpo, portanto, ao ser investido por tais técnicas de poder-saber, é animado e posto em funcionamento: é através do próprio corpo, na relação corpo a corpo, que se elabora essa alma, ou a subjetividade, para que ele possa, então, ser corrigido: “[...] [a subjetivação] pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser útil, não

⁸⁸ FOUCAULT, 2014a. p. 32-33.

⁸⁹ SIBILIA, 2015. p. 33.

⁹⁰ Ao chamarmos de subjetividade o que Foucault chamou de alma, evocamos a definição deste primeiro termo oferecido por Preciado (2020b, p. 26): “O que chamamos de subjetividade não é mais que a cicatriz deixada pelo corte [pelas mãos da epistemologia binária do Ocidente] na multiplicidade do que poderíamos ter sido.”

⁹¹ FOUCAULT, 2014a. p. 31

⁹² FOUCAULT, 2014a. pp. 29-30.

fazer uso de armas nem do terror, e no entanto continuar a ser de ordem física.”⁹³ Foucault define tecnologia política do corpo da seguinte forma:

Essa tecnologia é difusa, claro, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos; compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços; utiliza um material e processos sem relação entre si. O mais das vezes, apesar da coerência de seus resultados, ela não passa de uma instrumentação multiforme. Além disso seria impossível localizá-la, quer num tipo definido de instituição, quer num aparelho do Estado. Estes recorrem a ela; utilizam-na; valorizam-na ou impõem algumas de suas maneiras de agir. Mas ela mesma, em seus mecanismos e efeitos, se situa num nível completamente diferente. Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças.⁹⁴

Se Foucault utiliza-se do corpo do condenado como seu exemplo, é porque a prisão, e especialmente o Panóptico de Jeremy Bentham, é o modelo paradigmático para as demais instituições cuja finalidade é tornar o corpo tanto mais dócil quanto mais útil. Vemos a materialização do regime de saber-poder disciplinar através dos espaços de confinamento, ou aparatos ortoarquitectônicos⁹⁵, tais como a prisão, o hospital, a fábrica, a escola, a família e a casa. Para Gilles Deleuze⁹⁶, esses espaços de confinamento compartilham entre si uma linguagem analógica que implica o estabelecimento de *moldes*. O poder, no regime disciplinar, funciona duplamente de forma massificante e individuante, isto é, “[...] constitui num corpo único aqueles sobre os quais se exerce, e molda a individualidade de cada membro do corpo.” Podemos pensar como as noções de homem e mulher, enquanto moldes, implicam simultaneamente a entrada dos corpos em um regime social coletivo e individual. Uma pessoa deve ser codificada enquanto homem ou mulher no momento de nascimento, o que implica uma subjetivação a partir dos modelos disponíveis de masculinidade ou feminilidade. Tal funcionamento, tanto macro quanto micro, conecta o indivíduo à massa a qual ele pertence e da qual ele se entende membro.

A emergência das técnicas de poder-saber modernas, afirma Foucault, sucederam-se a partir de “[...] dois polos de desenvolvimento interligados por todo um feixe intermediário de relações.”⁹⁷ O primeiro deles, o conjunto de disciplinas anátomo-políticas voltadas ao corpo máquina, que descrevemos acima; e, o segundo, que descreveremos abaixo, chamado de

⁹³ FOUCAULT, 2014a. pp. 29-30

⁹⁴ FOUCAULT, 2014a. pp. 29-30.

⁹⁵ PRECIADO, 2018b. p. 85.

⁹⁶ DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3ª edição. São Paulo: Editora 34, 2013.

⁹⁷ FOUCAULT, 2017a. p. 150

controles reguladores de uma biopolítica da população centrados no corpo-espécie, que surge um pouco mais tarde, em meados do século XVIII.⁹⁸ O regime disciplinar diferencia-se do regime soberano não apenas pela diferença no tratamento dispensado ao corpo condenado, mas também ao investir suas técnicas, pela primeira vez direta e conscientemente, sobre a vida: produzi-la, controlá-la e corrigi-la ao invés de eliminá-la. Foucault sintetiza a passagem de um regime ao outro nas seguintes máximas: o *fazer morrer, deixar viver* soberano é substituído pelo *fazer viver, deixar morrer* biopolítico. As técnicas que compõem o poder-saber disciplinar-biopolítico, portanto, operam a partir de uma lógica tecnocientífica pois visam a “[...] administração dos corpos e [...] a gestão calculista da vida”⁹⁹ não mais através de mecanismos de subtração e extorsão, que em seu limite suprimiam a própria vida.

Ao segundo polo de desenvolvimento das técnicas modernas de poder-saber, Foucault dará o nome de biopolítica. Diferentemente do primeiro polo, o biopoder se concentra nos processos massificantes da vida e sua entrada na história. Não que até então vida e história não estivessem conectadas ou relacionadas, comenta Foucault; o que acontece com o advento da biopolítica e o biopoder, no entanto, é como o cálculo de eventos relacionados à vida, como a epidemia e a fome, “[...] são levados em conta por procedimentos de poder e de saber que tentam controlá-los e modificá-los.”¹⁰⁰ Se os exemplos que Foucault utiliza para falar da soberania dizem respeito à morte e como ela organiza os processos da vida e sua entrada na história, com o advento da biopolítica, os processos dirão respeito a (re)produção da vida. Por biopolítica, Foucault refere-se aos acontecimentos que “[...] [fazem] com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e [fazem] do poder-saber um agente de transformação da vida humana.”¹⁰¹

Os eventos próprios à vida que marcam a emergência da biopolítica são, por exemplo, o nascimento e a morte, a longevidade, a economia, a segurança. Tais eventos, que dizem respeito não mais à vida de indivíduos mas à vida da espécie e ao corpo político, entram nos cálculos do poder enquanto eventos relacionados ao corpo massivo composto por todo e cada indivíduo, isto é, a população. Foucault chama atenção para uma importante modificação resultante do advento do limiar biológico da modernidade: o ser humano enquanto espécie.¹⁰² Os controles e as regulações do poder-saber se manifestarão através da biologização da vida.

⁹⁸ FOUCAULT, 2017a. p. 150

⁹⁹ FOUCAULT, 2017a. p. 150

¹⁰⁰ FOUCAULT, 2017a. p. 154.

¹⁰¹ FOUCAULT, 2017a. p. 154.

¹⁰² FOUCAULT, 2017a. p. 154.

Tal biologização implica “[...] o biológico [refletir-se] no político.”¹⁰³ Ao *fazer viver* cabe organizar, enquanto população, uma multiplicidade desorganizada de indivíduos que agora encontram-se inscritos sob o signo da espécie. A população, compreendida como uma entidade biológica, não se define só pelo nascimento, morte ou longevidade etc., como também pela capacidade das técnicas de poder-saber prever e modificar tais eventos. Esses eventos biológicos da espécie “[...] [caem], em parte, no campo de controle de saber e de intervenção do poder.”¹⁰⁴

Ainda sobre o limiar biológico da modernidade, Foucault recupera a ação soberana *fazer morrer* enquanto uma função racista do Estado pautado pela lógica do *dever morrer, dever viver*. Complementarmente ao entendimento da população como uma entidade biológica, surge, como uma necessidade política, a ficção das raças. Foucault localiza duas funções para este racismo. A primeira delas é negativa, e implica fazer um corte no *continuum* biológico da população o que implica no

[...] aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores [...] uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros.¹⁰⁵

A segunda, diferentemente da primeira, é de caráter positivo e implica organizar a possibilidade de uma vida em detrimento de uma morte. Falamos “uma morte/uma vida” mas não estamos nos referindo somente aos indivíduos, uma vez que o racismo, em Foucault, diz respeito também aos conjuntos e às populações: massa e indivíduo como engrenagens de uma tecnologia política dos corpos. Esta função positiva do racismo, portanto, implica afirmar que as diferentes raças, hierarquizadas entre boas e ruins, superiores e inferiores, só podem viver na medida em que eliminam aquelas que podem lhe causar algum mal: “[...] a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a minha vida em geral mais sadia, mais sadia e mais pura.”¹⁰⁶ As relações estabelecidas entre raças são possibilitadas, também, pelo engendramento do corpo. O homem transformado em pai, a mulher transformada em mãe, a casa, o casamento e o sexo como o ambientes de (re)produção da raça pura.

¹⁰³ FOUCAULT, 2017a. p. 154.

¹⁰⁴ FOUCAULT, 2017a. p. 154.

¹⁰⁵ MICHEL, Foucault, 2010a. p. 214-215.

¹⁰⁶ FOUCAULT, 2010a. p. 215

Nas próximas páginas, recuperaremos as ideias de Foucault sobre o estabelecimento do corpo normal, visando contextualizar como a disciplina e a biopolítica trazem consigo seu estabelecimento através da constituição do anormal.

2.3 O NORMAL É TECNOLÓGICO

A era do biopoder e da disciplina, como Foucault a denomina, tomará para si a tarefa de articular seus dois polos através de “[...] agenciamentos concretos que constituirão a grande tecnologia do poder [...]”¹⁰⁷ que terão como objetivo, por sua vez, o estabelecimento da norma:

A norma é o que pode tanto se aplicar a um corpo que se quer disciplinar quanto a uma população que se quer regulamentar. [...] A sociedade de normalização é uma sociedade em que se cruzam, conforme uma organização ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulamentação.¹⁰⁸

Em seu curso dedicado ao tema do anormal, vemos Foucault cartografar a genealogia do que viria a ser o corolário e o ponto basilar de sociedades disciplinares e biopolíticas: a norma. O que vem a ser a norma para Foucault? Primeiramente, ele afirma não se tratar de uma ação excludente do poder. Ao contrário, “[...] ela está sempre ligada a uma técnica positiva de intervenção e de transformação [...]”¹⁰⁹, dado que a ação normalizadora se encontra embutida nos dispositivos que se formam a partir do agenciamento somatécnico disciplinar-biopolítico. Os efeitos de normalização, portanto, são a finalidade e o meio desse conjunto de dispositivos¹¹⁰. Por este modelo de poder ser positivo, devido sua metamorfose na idade clássica, ele produz algo diferente da exclusão. O que se produz e se torna essencial para o exercício e o funcionamento do poder é o conhecimento meticuloso de um campo de regularidade através do qual cada indivíduo e uma população podem ser avaliados¹¹¹. Presenciamos, portanto, o surgimento e a dispersão de tecnologias de normalização que se estendem até os dias de hoje.

Para Foucault, é no encontro da jurisprudência e da lei com a medicina que o entendimento moderno de normalidade/anormalidade começa a se delinear no nascente campo

¹⁰⁷ FOUCAULT, 2017a. p. 151.

¹⁰⁸ FOUCAULT, 2010a. p. 213.

¹⁰⁹ FOUCAULT, 2010b, p. 43.

¹¹⁰ FOUCAULT, 2010b, p. 42.

¹¹¹ FOUCAULT, 2010b, p. 40.

da psiquiatria. Surgindo em meados do século XIX, o normal e o anormal aparecem através da psiquiatrização de um número de condutas que, doravante, deveriam ser analisadas enquanto sintomas de uma doença mental. A sintomatologização dessas condutas se daria partir da “[...] discrepância que [tal ou qual conduta] tem em relação às regras de ordem, de conformidade, definidas seja sobre um fundo de regularidade administrativa, seja sobre um fundo de obrigações familiares, seja sobre um fundo de normatividade política e social.”¹¹² O que toma-se por normal ou natural desenrola-se intimamente às crenças de um determinado *socius* e ele, por sua vez, é retroativamente normalizado e naturalizado. Os dispositivos que se constituem no exercício do poder, dos quais Foucault dedica maior atenção ao de sexualidade, se dão nesse emaranhado de linhas que constituem o social, o político, a família, o Estado. Através destes dispositivos, poderíamos encontrar a produção da verdade de cada coisa, de cada planta ou animal ou, especialmente, de cada pessoa pois sua articulação visava a produção de tal verdade.

A partir do funcionamento normativo de tecnologias de poder, Foucault aponta que o campo de exercício da psiquiatria migra do governo dos loucos e do hospício para o campo do instinto e da sexualidade¹¹³, isto é, o controle e regulação do problema do instinto sexual. Dito de outro modo, dedica-se em demonstrar como a fonte de todo problema, “[...] quer se trate das grandes infrações que violam as leis mais importantes, quer se trate das minúsculas irregularidades que perturbam a pequena [célula] familiar” encontram-se nas e através das relações familiares¹¹⁴.

Dando continuidade à história da sexualidade que Foucault iniciou, Preciado nomeará de tecnossexualidade a instituição do par normal/anormal a partir da entrada da sexualidade nos cálculos e exercícios do poder¹¹⁵. Os primeiros movimentos de instauração do Império Sexual são a criação e a elaboração de tratados e enciclopédias sobre as sexualidades normais e perversas e, através desses textos, a proliferação de uma taxonomia da normalidade e da perversidade. Se na esfera macropolítica testemunhamos o desenvolvimento de todo um aparato tecnológico que visa não só a elaboração de um determinado corpo (individual ou político) mas sua instituição enquanto normal e natural, na esfera micropolítica essas tecnologias operam como máquinas de captura de subjetividades. A partir de então, não se constituirão somente homens e mulheres e heterossexuais e homossexuais enquanto ficções empiricamente observáveis, mas, complementarmente, os sujeitos se entenderão e desenvolverão um

¹¹² FOUCAULT, 2010b, p. 136.

¹¹³ FOUCAULT, 2010b, p. 241-242.

¹¹⁴ FOUCAULT, 2010b, p. 242.

¹¹⁵ PRECIADO, 2018b, p. 75-90.

conhecimento sobre si próprios a partir destes mesmos termos. Podemos retomar a compreensão de Preciado sobre a subjetividade para pensar como uma multiplicidade de corpos passa a ser significada como tal ou qual termo a partir de verdades observáveis no corpo. A partir disso, esse conhecimento se conecta – mas não se limita – ao que é elaborado por médicos, psiquiatras, anatomistas, biólogos, enfim, tecnocientistas.

Deste contexto surgem as definições taxonômicas dos perversos e desviantes perante os quais as redes de poder-saber se esforçarão para controlar, regular, punir e, principalmente, corrigir. Parte-se de um pressuposto transcendental que iguala os perversos e desviantes ao anormal e antinatural, o que, por consequência, elabora no mesmo movimento o natural e o normal. Uma vez que observamos uma dedicação admirável em descrever e nomear aquilo que desvia, tendemos a não notar os processos que irremediavelmente criam aquilo que não desvia. O livro de Jonathan Ned Katz, *A invenção da homossexualidade*¹¹⁶, é um ótimo exemplo de trabalho que visa a elucidação e desconstrução do normal e do natural. No final do século XIX, o termo “heterossexual” é utilizado com a função de nomear um tipo de hermafroditismo psíquico que na nomenclatura atual chamaríamos de “bissexualidade”. Para os médicos e psiquiatras de então, os sentimentos tinham um sexo biológico. Isto é, a sexualidade e as práticas sexuais eram a manifestação de um conjunto de funcionamentos internos (hormonal, gonadal, psíquico). O “hétero” deste primeiro uso da palavra “heterossexual”, portanto, não se referia ao desejo afetivo e sexual pelo “sexo oposto”, isto é, do desejo natural do “homem” pela “mulher” e vice-versa, mas antes à coexistência em um só corpo do “desejo masculino por mulheres” e do “desejo feminino por homens”¹¹⁷.

A referência constante à tipos de hermafroditismo psíquico, nos fala Jorge Leite Jr., é uma alusão comum no desenvolvimento da taxonomia dos perversos e desviantes¹¹⁸. Da imagem platônica de uma união espiritual e divina ideal à noção de hermafroditismo psíquico, o andrógino e o hermafrodita compuseram o imaginário social durante séculos. Era tamanha a influência que o imaginário mágico-social exercia sobre as relações sociais que até por volta do século XIX “[...] as impressões e vivências psíquicas eram elementos capazes de realizar manobras e prodígios concretos na fisiologia humana”¹¹⁹. A ocasional mudança de sexo/gênero da qual se tem notícia faz parte de um *continuum* de normas sociais que podiam ser

¹¹⁶ KATZ, Jonathan Ned, 2007, sn.

¹¹⁷ KATZ, 2007, sn.

¹¹⁸ LEITE JR, Jorge. **Nossos corpos também mudam:** A invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2011.

¹¹⁹ LEITE JR, 2011, p. 45.

transgredidas, tal qual a vestimenta e os modos de agir e pensar. Até por volta do século XVIII, o sexo tal qual o entendemos hoje ainda não havia sido inventado e homens e mulheres não eram extremos opostos complementares nem pertenciam à esferas distintas. O conhecimento que se tinha durante todos esses anos que justificou e embasou uma série de hierarquizações durante a história, era de que homens e mulheres pertenciam ao mesmo sexo e o que lhes diferenciava era a quantidade de calor exercida sobre o útero durante a gestação. O corpo masculino e corpo feminino, entendidos enquanto corpos de homens e de mulheres respectivamente, não se diferenciavam principalmente pela anatomia de seus órgãos sexuais. Isso era mais um entre vários fatores levados em conta na diferenciação entre “homens masculinos” e “mulheres femininas” normais.

Foi somente no final do século XVIII que testemunhamos uma mudança em direção ao que atualmente compreendemos enquanto “homens” e “mulheres” cisgêneros. A série de eventos que marcou a distinção sexual como central no reconhecimento de um homem e de uma mulher faz parte dessa contingência de ocorrências cada vez mais racionalizadas. O desenvolvimento industrial agenciado com os movimentos capitalistas não funcionaram sem a correta designação sexual de “homens”, “mulheres” e aqueles que não se encaixam em nenhuma dessas duas categorias. Afirma Sibilia:

Como resultados [dos processos disciplinares dos dispositivos de arquitetura panóptica e de sexualidade, das técnicas de confissão e da regulamentação do tempo do nascimento à morte] foram se configurando certos tipos de corpos e determinados modos de ser com um inegável *selo histórico*: nasciam, assim, os homens, as mulheres e as crianças da era moderna. [...] desenvolvendo essas singularidades para capitalizá-las da melhor forma possível, os dispositivos de biopoder da sociedade industrial visavam a obter deles certa docilidade corporal. [...] que respondiam e serviam a determinados interesses econômicos e políticos.¹²⁰

No próximo capítulo demonstramos como se deu esse processo de criação dos homens e mulheres contemporâneos através do estabelecimento da estética da diferença sexual. Entendemos por estética da diferença sexual o estabelecimento da cisgeneridade, apesar de ainda não ser nomeada dessa forma. Os termos que atualmente utilizamos para nos referir e definir uma miríade de incorporações trans* (travesti, transexual, transgêneros, não binário, etc.) começam a surgir por volta do final do século XIX e início do século XX. Partimos do pressuposto que a “taxonomia trans” foi possível devido ao já dominante entendimento do que constitui um homem ou uma mulher cisgêneros. Nesse sentido, a cisgeneridade ou o pressuposto de que os corpos já são, anteriormente à sua entrada ao âmbito tecnocientífico,

¹²⁰ SIBILIA, 2015, p. 32

homens ou mulheres é uma máquina de atribuição de sentidos e funções aos corpos que faz passar ela mesma como natural ou normal. Para os corpos serem significados como trans*, toda uma maquinaria é posicionada visando o controle e a gestão desses corpos e suas subjetividades. Por isso nos parece correto afirmar a existência de um funcionamento cis nos processos de engendramento que, devido sua capacidade de semiotização de corpos e subjetividade, está sempre e já implicado na elaboração de corpos, sejam eles cis ou trans*.

3 ENGENDRAMENTO NORMATIVO

“[...] a cada um, um sexo, e apenas um.”

FOUCAULT, Michel, 2012, p. 82

“[...] se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este *status* e deverá pagar as sanções.”

FOUCAULT, Michel, 2017a. p. 8

Se a constituição do corpo moderno, como buscamos descrever, é um evento somatécnico, isto é, resultante do investimento tecnológico e não de uma formação naturalmente dada. E se sob este investimento esconde-se uma vertente tecnopolítica visando tanto seu melhor controle quanto sua melhor gestão, pudemos inferir que a normalidade é um importante e estratégico mecanismo do que chamamos de agenciamento somatécnico disciplinar-biopolítico, ele mesma tecnicamente engendrada. O que observamos a partir de tal constatação, é que o investimento do poder-saber sobre o corpo o cartografa a partir de uma determinada forma, tendo certos objetivos em mente. Os mecanismos de poder-saber em exercício, seguindo esse objetivo de delinear os limites do corpo e suas funções, funcionam em todos os corpos, os atribuindo “corretamente” um sexo ou buscando lhe corrigir quando tal atribuição não é possível.

Em meio aos processos de objetivação e subjetivação dos corpos descritos por Foucault emerge o que, neste trabalho, chamamos alternadamente de cisgeneridade ou estética da diferença sexual. Se pôde-se nomear de trans*, enquanto um fenômeno médico psiquiátrico, o movimento de (des)identificação com uma série de códigos semiótico-técnicos da masculinidade e feminilidade¹²¹ de algumas pessoas em finais do século XIX e início do século XX, as condições de possibilidade para este evento estavam sendo germinadas desde o estabelecimento do normal e do anormal, do natural e do desvio, do moralmente correto e do perverso. O trabalho de Foucault sobre o estabelecimento da anormalidade como um campo de saber médico psiquiátrico é indicativo de como os próprios processos de engendramento assumem papel primordial no desenvolvimento do par normalidade/anormalidade¹²². Do agenciamento somatécnica emerge um corpo normalizado, cortado, desmembrado e remontado na **mesa de operações abstrata que** que é a atribuição sexual.

É dentro desse contexto que nomearemos esse funcionamento de **funcionamento cis**. Tal funcionamento não diz respeito somente aos processos que desenham um corpo a partir da

¹²¹ PRECIADO, 2018b, p. 129-131

¹²² FOUCAULT, 2010b.

relação entre gênero e sexo, tal qual o masculino a partir do pênis e feminino a partir da vagina. Este funcionamento, ao contrário, diz respeito a constituição de um determinado tipo de corpo animado em sua completude por uma determinada rede de tecnologias dentro da qual uma determinada subjetividade emerge.

3.1 CISGENERIDADE

“[...] o movimento mais sofisticado da tecnologia consiste em se apresentar exatamente como natureza.” (PRECIADO, Paul B. 2017, p. 168)

É somente em meados da década de 1990 que o termo “cis” é utilizado por Carl Buijs para se referir às pessoas cuja incorporação não se encaixa sob o nome trans*. Como Viviane Vergueiro demonstra, o surgimento deste termo neste contexto é o resultado de “[...] interações sociais e iniciativas de ativismos trans*” dentro do qual o trabalho de Buijs se encontra.¹²³ O ato de nomear o que vinha sendo tomado enquanto a forma natural de incorporação e engendramento visava exatamente questionar os limites da inteligibilidade de gênero, especificamente, e de sociabilidade, em geral¹²⁴. Inicialmente, o termo visava a nomeação de uma posição de sujeito cujo corpo e subjetividade estariam de acordo com aquilo que, anterior ou exatamente no momento de nascimento, teria sido anunciado como o sexo e o gênero da pessoa. A designação de um corpo entre um sexo ou outro – sempre masculino (macho, XY) ou feminino (fêmea, XX), nunca insuficientemente designado¹²⁵ – iniciaria o processo de engendramento através do qual aquele corpo seria reconhecido social, jurídica, política, economicamente. O processo de engendramento, desde o momento ou anterior ao nascimento, é mediado por uma série de tecnologias (ultrassom, escolha de nome, consultas e exames

¹²³ VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Linha: Cultura e Identidade, Salvador, 2015.

¹²⁴ Em seu trabalho, Mariah Rafaela da Silva (2018) complexifica as noções de inteligibilidade de gênero e matriz heterossexual de Judith Butler com o intuito de mostrar que os atos e sistemas de exclusão funcionam interseccionalmente, implicando um entendimento de cisgeneridade enquanto uma máquina de distribuição de reconhecimento social diferenciado. Uma vez agenciada à raça, à etnia, à deficiência etc., a cisgeneridade não significa, necessariamente, uma posição de privilégios ou reconhecimento social.

¹²⁵ Paula Sandrine Machado (2004) relata que o termo “genitália ambígua” não é utilizado no contexto do hospital onde desenvolve sua pesquisa (p. 93). Citando Mary Douglas, Machado retoma a ideia da ambiguidade como impureza e nos lembra que ao “defini-la com a maior precisão possível estará também se definindo o conjunto do qual elas não fazem parte”. Para os médicos, a decisão sobre qual caminho seguir (cavar um buraco ou construir um poste, em ditado popular entre os médicos) deve-se basear na “verdade” que naturalmente já se encontra no corpo. Tal verdade, nos mostra Machado, é ela mesma o produto da relação entre o investimento médico-cirúrgico e classificações sociais que se dão sobre e nos corpos (p. 47).

médicos visando o nascimento de um corpo saudável) que visam a correta designação de um sexo e um gênero ao corpo que nasce.

Para fazer a crítica necessária à forma como os corpos são normalizados e naturalizados pelo agenciamento somatécnico disciplinar-biopolítico, Paula Sandrine Machado aponta que as categorias tradicionais “sexo” e “gênero” tornam-se insuficientes e devem ser entendidas como parte de um exercício de poder somatopolítico. Isto é, ao invés de fatores autoevidentes que se localizam em esferas distintas (natureza e cultura), sexo e gênero são partes de tecnologias sofisticadas que visam encontrar (construir) a verdade do (no) corpo¹²⁶. A nomeação daquilo que não é trans* surge, então, enquanto uma tática de desvelamento dessas tecnologias.

Vergueiro propõe que a cisgeneridade funciona a partir de três traços constituintes e interdependentes: a pré-discursividade, a binariedade e a permanência. Primeiramente, a pré-discursividade diz respeito especificamente à forma como o sexo é cientificamente elaborado. Isto é, a forma como o conhecimento científico elabora um entendimento sobre os corpos que pressupõe “[...] certos sinais fisiológicos que [os] possam definir inequivocamente entre ‘macho’ ou ‘fêmea’.”¹²⁷ Para a crítica de Vergueiro, o recurso à fisiologia do sexo, através da qual sua verdadeira natureza e materialidade se tornam verificáveis, é uma forma de afirmar a pré-discursividade do sexo, sua inabalável e inquestionável factualidade. Não só isso, tal factualidade é ela mesma verificável através de “[...] certas leituras e valores ocidentais e eurocêntricos”¹²⁸, tal qual a finalidade do sexo para a reprodução dentro do contexto familiar.

A verificação do sexo é enquadrada pelo traço da binariedade, uma vez que macho e fêmea deverão ser sempre categorias classificatórias opostas e complementares. A crença em dualismos opostos, mas complementares é um mecanismo necessário na normalização e naturalização dos corpos. Como mais adiante vamos detalhar, é bastante recente a compreensão dos corpos enquanto homens e mulheres diferentes entre si, mas complementares. Para Vergueiro, a divisão entre pares binários é “[...] diretamente associada a uma perspectiva decolonial que a compreende enquanto parte de projetos de extermínio das diversas perspectivas socioculturais de gênero [...] ininteligíveis a olhares europeus cristãos.”¹²⁹ Finalmente, o traço permanência diz respeito à “[...] premissa de que corpos ‘normais’, ‘ideais’ ou ‘padrão’ apresentam uma certa coerência fisiológica ou psicológica [...]”¹³⁰ que

¹²⁶ MACHADO, 2008, p. 120.

¹²⁷ VERGUEIRO, 2015, p. 62.

¹²⁸ VERGUEIRO, 2015, p. 62-63.

¹²⁹ VERGUEIRO, 2015, p. 65.

¹³⁰ VERGUEIRO, 2015, p. 65.

supostamente se mantém, do momento de nascimento ao momento de morte, imutável. Partindo do pressuposto que os sexos poderiam ser objetiva e empiricamente observados e, ao serem observados, se encaixariam em uma das duas categorias (homem macho ou mulher fêmea), a pessoa cis seria aquela que supostamente se encaixa exclusiva e univocamente em um dos polos desse ideal regulador. Contudo, sem a necessidade de provar tal realidade palpável, o que se manifesta a partir desses traços é a elaboração de um conjunto de saber patologizante – ainda não superado¹³¹ – que vai enquadrar como trans* certas incorporações e engendramentos que não se encaixem nesses traços.

Preciado nos oferece seu próprio entendimento quanto ao que e a quem se referem as palavras cis e trans, tendo como foco as técnicas e as tecnologias que produzem esses corpos e subjetividades. Preciado nos convida a pensar o sexo como uma tecnologia biopolítica de atribuição e designação corporal que simultaneamente identifica e localiza no corpo órgãos sexuais e suas funções¹³². A noção de tecnologia empregada por Preciado evita dois problemas: em primeiro lugar, não ignora a forma como todos os corpos, inclusive os homens e os corpos masculinos, são sempre e já tecnologizados; e em segundo lugar, distancia-se de qualquer essencialização da tecnologia enquanto dispositivo de opressão “do homem contra a mulher”¹³³. Através desta visão, a visão sobre o corpo “da mulher” como natureza a ser colonizada pelo “homem”, seja em sua variação colonial dos discursos antropológicos clássicos ou em sua versão anticientífica dos femininos das décadas de 1970 e 1980, é problematizada. Preciado afirma que “[...] talvez o maior esforço das tecnologias do gênero não tenha sido a transformação das mulheres, e sim a fixação orgânica de certas diferenças. Chamei esse processo de fixação de ‘produção protética do gênero’.”¹³⁴.

¹³¹ Em recente consulta ao endocrinologista, ouvi dizer que meus níveis de testosterona não estavam “horíveis” apesar de ainda não estarem “bons” de acordo com as “guidelines” que indicam o padrão “daquilo” que estou “tratando” (entre aspas são as palavras do médico). Apesar da *Nota técnica sobre processo transexualizador e demais formas de assistência às pessoas trans* do Conselho Federal de Psicologia, ainda em documentos médicos o caráter de doença persiste. Na atual versão da *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde* (CID-11), o termo atual é “incongruência de gênero” e ainda pressupõe uma conexão entre o gênero de um indivíduo e sua genitália. O *Posicionamento Conjunto: Medicina Diagnóstica inclusiva: cuidando de pacientes transgêneros* da Sociedade Brasileira de Patologia Clínica – Medicina Laboratorial (SBPC-ML), Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) e Colégio Brasileiro de Radiologia e Diagnóstico por Imagem (CBR) compartilha o mesmo entendimento de que o que vem a ser trans* é marcado por uma descontinuidade em relação ao sexo e ao gênero designados no nascimento, uma vez que entendem cisgeneridade como o “termo para pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao sexo que lhes foi atribuído no nascimento.”

¹³² PRECIADO, 2017, p. 79 e 127.

¹³³ PRECIADO, 2017, p. 151.

¹³⁴ PRECIADO, 2017, p. 154.

Esta tecnologia sexual será descrita por Preciado como uma mesa de operações abstrata que se certifica de manter a cartografia ocidental do corpo, diferenciando o momento de nascimento da atribuição sexual, que pode ser anterior, com o uso da ecografia, ou posterior, no caso de pessoas intersexuais, ao nascimento. Esta tecnologia também funciona performativa e prostéticamente ao “[...] [fixar] a ordem empírica tornando o corpo inteligível graças à fragmentação ou a dissecação dos órgãos” operando “[...] não a partir de dados biológicos, mas com relação a um *a priori* anatômico-político, uma espécie de imperativo que impõe a coerência do corpo como sexuado”¹³⁵. Sexo, sexualidade e gênero – o processo de engendramento – enquanto tecnologia política é uma técnica produtiva cujo funcionamento não se dá senão através da

[...] produção de diferentes desejos e prazeres que parecem derivar de predisposições naturais (homem/mulher, heterossexual/homossexual etc.), e que serão finalmente reificadas e objetivadas como ‘identidades sexuais’. As técnicas disciplinadoras da sexualidade [são] estruturas reprodutoras, assim como técnicas de desejo e de saber que geram as diferentes posições de sujeito de saber-prazer.¹³⁶

A compreensão de Preciado toma uma virada somatécnica mais dramática com sua noção de próteses de gênero. Abandona-se aqui a falsa contradição que há entre os femininos essencialista e construtivista, uma vez que para ambos corpo e mente ainda se encontram presos em sua definição cartesiana. Para Preciado, o gênero é prostético, pois ele produz o corpo e, um estudo contrassexual da incorporação de tecnologias e da tecnologização do corpo, como este, visa identificar, descrever e analisar as próteses de gênero implicadas na criação de naturezas-culturas. A prótese, aponta Preciado,

[...] pertence por um tempo ao corpo vivo, mas resiste a uma incorporação definitiva. [...] Mesmo quando é ligada ao corpo, incorporada e aparentemente dotada de consciência, a qualquer momento pode voltar à ordem do objeto.

A questão sobre qual parte do corpo concerne à natureza e qual parte concerne à cultura se torna inócua. A função da prótese não se restringe mais a ocupar o lugar deixado por um órgão perdido, como foi o caso das próteses feitas para trabalhadores industriais cujos corpos foram “danificados” e “incapacitados” durante a Segunda Guerra Mundial¹³⁷. Com o avanço das biotecnologias e do tecnocapitalismo no período pós-guerra, “[...] o corpo parece se fundir

¹³⁵ PRECIADO, 2017, p. 128.

¹³⁶ PRECIADO, 2017, p. 156

¹³⁷ PRECIADO, 2017, p. 161-163.

com seus órgãos prostéticos dando lugar a um novo nível de organização e gerando uma continuidade [...] orgânica-inorgânica” “[terminando] por criar comportamentos complexos de dependência com sistemas de comunicação, ao ponto de nos sentirmos incapazes se não estivermos conectados a eles.”¹³⁸ Em termos prostéticos, sexo, sexualidade e gênero são formas de incorporações da produção social, cultural e técnica de próteses que passam por naturais, submetidas à mudança constante, contexto em que “[...] cada nova tecnologia recria nossa natureza como incapaz com relação a uma nova atividade que, por sua vez, necessita ser tecnologicamente suprida.”¹³⁹ O corpo se torna uma máquina com determinadas funções (mão como máquina de pegar, olho como máquina de ver etc.), uma plataforma cuja realização de tarefas necessita do acoplamento de próteses. O corpo se torna uma enorme prótese.

Se no regime disciplinar o sexo era natural, definitivo, intransferível e transcendental, no regime farmacopornográfico – nome que Preciado dá ao novo regime de gestão e controle biopolíticos que se instala a partir da década de 1950 – o gênero se torna sintético, maleável, variável, suscetível de transferência, imitado, produzido e reproduzido tecnicamente¹⁴⁰. Levando em conta suas tecnologias, o regime disciplinar produziu a estética da diferença sexual e o dimorfismo como realidades naturais e observáveis ao passo que o regime farmacopornográfico produziu os mesmos binarismos em escala molecular através da produção farmacêutica de hormônios sexuais. Ao compreender o processo de engendramento enquanto uma tecnologia, sabemos que tanto o corpo e os códigos semiótico-técnicos masculinos quanto femininos são tecnicamente produzidos. A cisgeneridade, portanto, pode ser compreendida como uma tecnologia de produção de congruência ontológico-política dos corpos, uma epistemologia política do corpo¹⁴¹. Para Preciado, cis e trans são “[...] status de gênero biopolítico [...] tecnicamente produzidos” o que implica dizer que “[ambos] dependem de métodos de reconhecimento visual, de produção performativa e de controle morfológicos comuns.”¹⁴² Eles se diferem em termos de “[...] resistência à norma, da consciência desses processos técnicos [...] que produzem ficções somáticas de masculinidade e feminilidade e das técnicas científicas e do reconhecimento no espaço público.”¹⁴³

A partir dessa constatação, Preciado afirma que há somente tecnôgenos, uma vez que algumas técnicas (fotográficas, biotecnológicas, cirúrgicas etc.) produzem todo corpo, seja cis

¹³⁸ PRECIADO, 2017, p. 165.

¹³⁹ PRECIADO, 2017, p. 165.

¹⁴⁰ PRECIADO, 2018b, p. 116

¹⁴¹ PRECIADO, 2020a.

¹⁴² PRECIADO, 2018b, p. 137.

¹⁴³ PRECIADO, 2018b, p. 137.

ou trans*, performativa e prostéticamente. Mais uma vez, a questão central não é encontrar no corpo algo de natural que o justificaria. Ao contrário, devemos nos dedicar ao “[...] uso diferenciado e da reapropriação das técnicas de produção de subjetividade.”¹⁴⁴ A subalternização que sofre alguém que assume o status de gênero trans, Preciado afirma, se dá em razão de políticas de censura sexual, materializadas através de “[...] proibição de mudança de sexo e gênero, a violência que essas operações frequentemente carregam e seu elevado custo econômico e social [...]”.¹⁴⁵

Para entendermos o desenvolvimento da cisgeneridade e o surgimento da cisonormatividade, no entanto, poderíamos retornar alguns séculos. Para que se tornasse impossível que algumas pessoas fossem lidas como homens ou mulheres normais – recém-nascidos intersexuais e homens e mulheres trans*, por exemplo –, a ideia de que há homens ou mulheres de verdade já deveria estar em andamento. Se os discursos e as áreas de saber sobre o anormal e o patológico emergem a partir do século XVIII, sabemos que, mesmo silenciosamente, o normal já estava sendo pressuposto. No caso dos processos de engendramento, homens e mulheres “de verdade e naturais” já delineavam o que se considerava possível e realizável para o corpo. Nas próximas páginas, retomo brevemente o caminho pelo qual passou o estabelecimento da estética da diferença sexual e do dimorfismo.

3.2 O REGIME DOS DOIS SEXOS

“Talvez o maior esforço das tecnologias do gênero não tenha sido a transformação das mulheres, e sim a fixação orgânica de certas diferenças. Chamei esse processo de fixação de ‘produção prostética do gênero’. (PRECIADO, Paul B., p. 154)

Laqueur inicia o quinto capítulo de seu *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos à Freud* da seguinte maneira: “Em alguma época do século XVIII, o sexo que nós conhecemos foi inventado. Os órgãos reprodutivos passaram [...] [a ser] fundamento da diferença incomensurável [entre os dois sexos e os dois gêneros].”¹⁴⁶ Laqueur descreve a concepção moderna de corpo, sexo e gênero como um evento que surgiu “[...] não [...] de uma só vez, nem em todos os lugares ao mesmo tempo, e nem [...] [como] uma mudança permanente”¹⁴⁷ ao

¹⁴⁴ PRECIADO, 2018b, p. 139.

¹⁴⁵ PRECIADO, 2017, p. 129.

¹⁴⁶ LAQUEUR, 2001, p. 189.

¹⁴⁷ LAQUEUR, 2001, p. 190.

recuperar diferentes concepções sobre masculinidade e feminilidade, homem e mulher, macho e fêmea da história ocidental. Até o século XVIII, o conhecimento sobre o corpo organizava-se em torno da noção de isomorfismo, isto é, os corpos masculino e feminino eram duas manifestações diferentes do mesmo sexo, sendo uma delas perfeita (o homem) e a outra imperfeita (a mulher).

No entanto, o século XVIII marca a transição epistêmica e política de uma nova forma de conceber o corpo: trata-se do dimorfismo sexual ou como homens e mulheres possuem corpos marcados por uma diferença natural incomensurável, mas complementar. No decorrer do livro, Laqueur demonstra como a ordem hierárquica social entre os sexos era sempre e já um efeito do que chamamos, a partir dos estudos feministas, de gênero. Isto é, o que vemos como explicação e justificativa das diferenças e hierarquias é cultural: as concepções, noções e crenças que norteavam o que era entendido enquanto homem ou mulher pertenciam a ordem transcendental da cultura. O que marca a transição do isomorfismo para o dimorfismo é a entrada da natureza para o campo das técnicas de poder-saber responsáveis por tais definições.

A mudança de um paradigma para outro, no entanto, surge a partir de três eventos, dois epistêmicos e um político, que marcam o surgimento do dimorfismo sexual e a importância que a natureza assume. O primeiro deles é o enrijecimento do possível e do impossível e, portanto, a circunscrição do corpo à dimensão da natureza. Foi por volta do século XVIII que se cartografou, tanto material quanto conceitualmente, o corpo que atualmente tomamos por natural. Laqueur afirma que, se antes o imaginário social era permeado por imagens incríveis de corporeidades fantásticas, isso muda com o estabelecimento da verdade através do fato científico a partir da restrição cética do imaginário ao que é biologicamente possível ao corpo.¹⁴⁸ O autor nos remete à Foucault para pensar o segundo evento epistemológico, que diz respeito ao sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimento que agora se reduzem ao fato científico, neutro e verdadeiro da natureza, e especificamente ao sexo. Ou seja, se antes as diferenças entre os corpos masculino e feminino eram tomados como graus e manifestações diferentes de um mesmo corpo e sexo, a virada do século XVII para o XVIII marca o abandono dessa episteme de semelhanças e a ascensão de uma outra episteme, a das diferenças incomensuráveis, da verdade encontrada na natureza e explicável pelo método científico¹⁴⁹: a modernização do corpo a partir de sua racionalização científica.¹⁵⁰

¹⁴⁸ LAQUEUR, 2001, p. 191.

¹⁴⁹ Como exemplo, podemos pensar a mudança taxonômica de *hermafrodita* para *intersexo*, como mencionamos anteriormente.

¹⁵⁰ LAQUEUR, 2001, p. 191.

O terceiro evento, de ordem política, diz respeito aos embates pós-revolução entre homens e mulheres. Anteriormente, pautados no isomorfismo dos corpos, a hierarquia entre os gêneros e os sexos tinha como base a perfeição do corpo masculino e a imperfeição do corpo feminino. Tal perfeição, entendia-se, era a diferença manifesta entre o desenvolvimento dos corpos existente em uma outra ordem, de viés transcendental, entendendo o homem, e o corpo masculino, como melhor desenvolvido em detrimento de um corpo não tão desenvolvido, isto é, o corpo da mulher. Dos embates e disputas entre homens e mulheres, que colocam em xeque a ordem hierárquica entre os sexos e os gêneros e que se localizam nesse mesmo contexto de mudanças epistêmicas, surge a necessidade de encontrar uma nova razão de ser desta ordem hierárquica. Quando a ordem transcendental da cultura deixa de ser justificativa viável para o ordenamento social de hierarquização dos homens sobre as mulheres, “[...] o campo de batalha do gênero mudou para a natureza.”¹⁵¹

Assim como Foucault descreve a constituição rizomática de uma tecnologia política do corpo, que surge de vários lugares e faz conexões contingenciais, o que Laqueur afirma sobre o dimorfismo sexual também indica que ele é o resultado de processos contingenciais e rizomáticos. “Nenhuma descoberta ou grupo de descobertas originou o modelo de dois sexos [...] [pois exatamente como o modelo de um sexo] a natureza da diferença sexual não é suscetível a exames empíricos”.¹⁵² Os campos de conhecimento tecnocientíficos descritos por Laqueur, podemos inferir, desenvolvem-se nesta rede complexa de práticas e discursos que começam a emergir entre os séculos XVII e XVIII, cujo conjunto foi denominado por Foucault de tecnologias políticas do corpo. Esta rede complexa de práticas e discursos desenvolvem uma retórica corporal anátomo-metafísica e técnico-política¹⁵³, desenhando simultaneamente o corpo individual assim como o corpo social. Os corpos que se desenham, afirma Foucault, “[...] realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade [...]”¹⁵⁴, e tal disciplinarização dos corpos busca a “[...] formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil e inversamente.”¹⁵⁵

Dito isso, com o advento da sociedade disciplinar, testemunha-se a ascensão de discursos que tem como objetivo a docilização e máxima utilizabilidade do corpo. Se, anteriormente, a verdade resultava e se alinhava à vontade do soberano, agora, na sociedade

¹⁵¹ LAQUEUR, 2001, p. 192

¹⁵² LAQUEUR, 2001, p. 193

¹⁵³ FOUCAULT, 2014a. p. 134.

¹⁵⁴ FOUCAULT, 2014a. p. 135.

¹⁵⁵ FOUCAULT, 2014a. p. 135

disciplinar, os discursos e, conseqüentemente, a verdade são constituídos de uma maneira diferente, nomeadamente científica. Entre outros, o discurso da biologia será elaborado a partir de uma forma de enunciação mediada pelo desenvolvimento científico apoiado na concretude das informações oferecidas pela natureza. Devemos ter em mente, como afirma Sibilia, que longe de ser neutra, a (tecno)ciência desenvolve-se tendo em mente a previsão e o controle¹⁵⁶; e como afirma Laqueur, os fatos concretos encontrados na natureza são, desde sua constituição, a cultura em funcionamento na interpretação e fabricação de tais fatos: o que se pretende afirmar por uma verdade natural do corpo, o sexo, é o resultado de uma multiplicidade de conhecimentos que estabelecem o gênero¹⁵⁷. A natureza é discursivamente constituída, estabelecendo assim um regime de verificação. Os discursos, portanto, estabelecem o natural, o verdadeiro e o normal. Nas palavras de Foucault:

As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra, não da regra jurídica derivada da soberania, *mas o da regra 'natural', quer dizer, da norma*; definirão um código que não será o da lei, mas o da *normalização*; referir-se-ão a um horizonte teórico que não pode ser de maneira alguma o edifício do direito, mas o domínio das ciências humanas; a sua jurisprudência será a de um saber clínico.¹⁵⁸

Este conjunto de tecnologias políticas do corpo apoiam-se, então, na constituição de uma verdade que logra para si o lugar da natureza. Como afirma Foucault, disciplinar os corpos é possível na medida em que, ao mesmo tempo, as forças economicamente úteis de um corpo são aumentadas e exercitadas enquanto as forças políticas (de dissidência) são suavizadas¹⁵⁹. A organização disciplinar de um corpo implica a diminuição e coerção de suas potências para aquilo considerado necessário, correto e normal. Não acidentalmente, as categorias de “homem” e “mulher” surgem neste contexto de constituição de um tipo de corpo que, tecnologicamente construído, pode ser acoplado aos funcionamentos sociais.

O dispositivo de sexualidade é privilegiado por Foucault exatamente por demonstrar como os dois polos de funcionamento das técnicas de poder-saber convergem e se articulam. Duas questões importantes para Foucault, a primeira: o sexo, que supostamente é o ponto de partida para a articulação do dispositivo de sexualidade, deve aparecer concomitantemente às tecnologias que o produzem e não a partir das percepções que são feitas dele: história dos corpos e não história das mentalidades.¹⁶⁰ A segunda, decorrente da primeira: é através das quatro

¹⁵⁶ SIBILIA, 2015. p. 49.

¹⁵⁷ LAQUEUR, 2001. p. 19.

¹⁵⁸ FOUCAULT, 2017b. p. 293, destaques nossos.

¹⁵⁹ FOUCAULT, 2014a. pp. 135-136.

¹⁶⁰ FOUCAULT, 2017a. pp. 164-165.

personagens privilegiadas na análise de Foucault - a histérica, o masturbador, o fetichista e o coito interrompido - que “[...] o dispositivo de sexualidade, em suas diferentes estratégias, instaura essa ideia ‘do sexo’ [...] [formando assim] pouco a pouco a armação de uma teoria geral do sexo.”¹⁶¹ A partir destas duas questões, o autor aponta três importantes funções desempenhadas pelo dispositivo de sexualidade, sendo elas 1) a criação de uma unidade fictícia, isto é, o homem e a mulher, com a função de agrupar elementos distintos e funcionar como significante universal; 2) a função normalizadora desempenhada pelos discursos provenientes da biologia e da fisiologia; e 3) função de desligamento entre poder e sexualidade enquanto engrenagens de máquinas distintas, isto é, o poder não exerce uma função positiva sobre o sexo (criação), somente negativa (subjugação). Após a apresentação destas três funções do dispositivo de sexualidade, Foucault conclui o seguinte sobre o sexo:

O sexo, essa instância que parece dominar-nos, esse segredo que nos parece subjacente a tudo o que somos, esse ponto que nos fascina pelo poder que manifesta e pelo sentido que oculta, ao qual pedimos revelar o que somos e liberar-nos o que nos define, *o sexo nada mais é do que um ponto ideal tornado necessário pelo dispositivo de sexualidade e por seu funcionamento*. Não se deve imaginar uma instância autônoma do sexo que produza, secundariamente, os efeitos múltiplos da sexualidade ao longo de toda a sua superfície de contato com o poder. *O sexo é, ao contrário, o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres.*¹⁶²

A construção do corpo, o que normalmente afirmamos ser o que temos de mais material, portanto, é trazido à existência e animado através de um “[...] feixe intermediário de relações.”¹⁶³ O corpo, inegavelmente material, não existe fora do conjunto que chamaremos de agenciamento somatécnico disciplinar-biopolítico. No entanto, essa materialidade não é senão o resultado da territorialização e codificação desempenhada pelas técnicas de poder-saber que encontramos no agenciamento somatécnico: produção prostética. Ao ser acusado de elidir o que de mais material tem o dispositivo de sexualidade – o sexo – Foucault demonstra que esse objeto, único e unívoco, é ele mesmo estabelecido através do funcionamento do dispositivo de sexualidade.

A importância que o sexo assume na modernização do corpo se dá pelo seu espaço de funcionamento privilegiado e o ponto de encontro entre as técnicas disciplinares individuantes e as técnicas biopolíticas de massificação. Esperamos ter demonstrado o que entendemos ao

¹⁶¹ FOUCAULT, 2017a. pp. 167-168.

¹⁶² FOUCAULT, 2017a. p.168, destaques nossos.

¹⁶³ FOUCAULT, 2017a. p. 150.

utilizar a noção de tecnologia e como o corpo é tecnologicamente construído. Nos preocupamos em demonstrar mais especificamente qual a somatecnológica da constituição cisgênera do corpo, pois a própria concepção do desvio só é possível mediante o estabelecimento do normal enquanto algo natural e pressuposto. O normal, assim como o natural, é, portanto, tão tecnologicamente construído quanto aquilo que surge como seu desvio. A seguir, focaremos na ideia de funcionamento cis para continuar a ideia das operações tecnológicas de captura da cisgeneridade.

3.3 FUNCIONAMENTO CIS

A ascensão da sociedade disciplinar e o estabelecimento de seus dispositivos biopolíticos, como descrevemos até agora, operam capturas e enquadram os corpos como normais ou anormais. Nascer, morrer e o período que separa esses dois eventos são, a partir desse momento, mediados por um conjunto de tecnologias do corpo que os inserem aos cálculos biopolíticos. O agenciamento somatécnico disciplinar-biopolítico está empenhado em desenvolver um tipo de corpo cujos órgãos e suas funções são presumidos, organizando um horizonte que circunscreve quais os usos possíveis para cada uma de suas partes. A cena inicial de se atribuir um sexo e um gênero a um corpo, de inseri-lo nesse movimento que chamamos de engendramento normativo, visa o estabelecimento de um funcionamento específico, o funcionamento cis. Esse funcionamento cis, por sua vez, produz ciborgues, artefatos biotecnológicos, corpos simultaneamente *low* e *hightech* que têm sucesso em passar por naturais

Para demonstrar nosso argumento acerca do funcionamento cis, devemos lançar mão das máquinas deleuze-guattarianas, em especial o *socius*, para poder pensar como se institui tal funcionamento. Para estes autores, o *socius*, ou a máquina social, é constituído de agenciamentos que, ligadas umas às outras, possibilitam o controle e a gestão de fluxos indisciplinados, conseqüentemente disciplinando-os. Se pensarmos nos termos de nosso trabalho, podemos pensar na forma como um corpo, ao ser designado como um sexo ou outro, já está inserido nestas máquinas. A função da cartografia do corpo, tal como é concebida a partir da estética da diferença sexual, é maquinar os corpos, inseri-los em um fluxo contínuo que delimita as funções que cada parte do corpo deve ter: *com a mão você pega e segura, com os olhos você vê e enxerga, com o pênis e vagina você transa e com o cú você caga.*

Em *Mil Platôs*, Deleuze e Guattari nos apresentam o problema do organismo. O organismo, conjuntamente com a significância e a subjetivação, são “[...] três grandes estratos que [...] nos amarram mais diretamente”¹⁶⁴. Isto é, “a superfície do organismo, o ângulo de significância e de interpretação, o ponto de subjetivação ou de sujeição” serão as três operações de captura do saber-poder através das quais um sujeito considerado normal será constituído como tal. De acordo com Deleuze e Guattari, a falha ou a insuficiência de cada um desses estratos resulta em um depravado, um desviante e um vagabundo, respectivamente¹⁶⁵. Nesse sentido, a designação de um sexo a um corpo é o ponto pé inicial no processo de transformação do corpo em organismo. A constituição de um organismo é como “[...] a ação de um Deus que [...] sabota ou estrangula [um corpo] ao organizá-lo.”¹⁶⁶ Citando Antonin Artaud, eles entoam: “[...] um corpo nunca é um organismo / os organismos são os inimigos do corpo.”¹⁶⁷

Para Preciado, a estética da diferença sexual, a cisgeneridade e o dimorfismo sexual são, antes de tudo, operações epistemológicas. Essa taxonomia binária estabelece que os corpos sejam “[...] o humano ou o animal. O homem ou a mulher. O vivo ou o morto. [...] o colonizador ou o colonizado. O organismo ou a máquina.”¹⁶⁸ O estabelecimento desses pares de binários capturam, objetiva e subjetivamente, os corpos e os insere no *socius*, onde eles se desenvolverão adequada ou inadequadamente. Se retomarmos a definição de cis e trans* de Preciado, para quem estes dois status de gênero não se diferenciam ontologicamente, mas dependem do mesmo enquadramento normativo de reconhecimento político, podemos pensar na forma como o agenciamento somatécnico disciplinar-biopolítico não se limita apenas a operações linguísticas – como as afirmações “é um menino” ou “é uma menina” proferidas por médicos – mas é ele mesmo uma máquina prostética. O organismo é ele mesmo agenciado micropolítica e microscopicamente: a verdade, pois, encontra-se nos corpos ao ter seus fluídos agenciados no e através do dimorfismo sexual.

A partir da constatação da verdade do corpo e o desenvolvimento de um organismo, sujeitos significados e significantes emergem. Pensando conjuntamente com Preciado, o processo de organização descrito por Deleuze e Guattari implica no estabelecimento de uma programação de gênero¹⁶⁹. No contexto disciplinar, como descrito por Foucault em *História da sexualidade*, o estabelecimento da verdade do corpo através do dispositivo de sexualidade –

¹⁶⁴ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, vol. 3. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2012, p. 25.

¹⁶⁵ DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 25.

¹⁶⁶ DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 21.

¹⁶⁷ DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 21.

¹⁶⁸ PRECIADO, 2020b, p. 25-26.

¹⁶⁹ PRECIADO, 2018b, p. 127.

mesmo que se resuma a um ideal regulativo e especulativo – é acompanhado por uma proliferação de discursos, científicos e pessoais, que giram em torno de um funcionamento adequado objetiva ou subjetivamente. Tal funcionamento só poderá ser concretizado mediante o controle e a gestão, através do organismo, da significância e da subjetivação, de todo corpo. É através deste funcionamento, portanto, que as pessoas se reconhecem e são reconhecidas – ou falham nesse processo – enquanto homens ou mulheres.

A necessidade do controle e da gestão dos corpos, podemos constatar, se dá pela naturalização dos corpos. Aquilo que os anatomistas e depois os biólogos e sexólogos denominaram como artefatos determinantes da verdade do sexo, encontrados como tal na natureza, é o resultado do investimento tecnocientífico deste controle. Como Laqueur afirma, tais artefatos não são passíveis de averiguação e a produção da cisgeneridade enquanto ideal regulativo é descontínua em relação aos corpos em sua “realidade material”. A cisgeneridade, ao se estabelecer como verdade cientificamente mediada, é levada à cabo independentemente daquelas pessoas que poderíamos chamar de cis e até mesmo da “verdade objetiva” da cisgeneridade. A verdade prescritiva sobre o que caracteriza um corpo cisgênero pode ser encontrada na natureza, como uma de suas possibilidades, mas nunca como a única ou necessariamente ela. Como a mentalidade hétero de Monique Wittig, o funcionamento cis engendra um sem-número de movimentos de territorialização do corpo. Queremos dizer que sob a rubrica do funcionamento cis, corpos cis ou trans* são mediados por técnicas que os estabelecem e os animam como homens e mulheres.

O que nos importa evidenciar a partir da noção de funcionamento cis é que a natureza, entendida como realidade verificável que ampara a diferença sexual e a incomensurabilidade entre homens e mulheres, se encontra sempre e já agenciada na somatécnica da cisgeneridade, por isso que ela aparentemente responde às questões contextualmente específicas da correta atribuição sexual. Na caracterização da diferença sexual, os tecnocientistas, Laqueur afirma “emprestaram seu prestígio ao empreendimento, descobrindo ou comprovando os aspectos da diferença sexual [...]. Além disso, a política do gênero afetou muito claramente, não só a interpretação dos dados [...], como também sua produção.”¹⁷⁰ Nesse sentido, portanto, o que devemos ter em mente é que “já impregnada na linguagem da ciência [...] está a linguagem de gênero.”¹⁷¹ O que caracteriza o funcionamento cis, isto é, a procura por uma resposta bem delimitada quanto à questão da diferença sexual e da correta atribuição sexual, surge a partir de

¹⁷⁰ LAQUEUR, 2001, p. 192-193

¹⁷¹ LAQUEUR, 2001, p. 193

meados do século XVIII quando “um corpo literário surgiu na França e na Alemanha demandando melhores delineamentos das diferenças sexuais.”¹⁷²

As ilustrações anatômicas, “mapas de uma realidade surpreendente e infinitamente variada”¹⁷³, por exemplo, oferecem indícios de como o corpo é elaborado seguindo uma determinada somatecnológica, já que estão “diretamente implicadas na cultura que as produz”, e fazem reivindicações a “certas noções específicas do que é ideal em termos culturais e históricos.”¹⁷⁴. Como nota Laqueur, “os espécimes dos esqueletos no laboratório de anatomia não tornam a diferença sexual aparente”¹⁷⁵ e, por isso, subterfúgios tecnoculturais se tornam necessários. No século XVI, por exemplo, o anatomista Andreas Vesalius compreende que as diferenças entre “homens” e “mulheres” se encontram, exclusivamente, no contorno dos corpos e nos órgãos reprodutivos.¹⁷⁶ No *Epitome de De corporis humani fabrica*, Vesalius desenha dois nus, um masculino e outro feminino, indicando as diferenças sexuais através das curvas e linhas dos corpos. Além desse conjunto de desenhos, Vesalius desenhou um único esqueleto, o qual chamou de “esqueleto humano”, pois, apesar de se utilizar de um esqueleto masculino, o anatomista não sexualizou os ossos do corpo humano.¹⁷⁷

¹⁷² SCHIEBINGER, Londa. *Skeletons in the Closet: The First Illustrations of the Female Skeleton in Eighteenth-Century Anatomy*. In: SCHIEBINGER, Londa (ed.). **Feminism and the body**. New York: Oxford University Press, 2000, p. 31, tradução nossa.

¹⁷³ LAQUEUR, 2001, p. 203

¹⁷⁴ LAQUEUR, 2001, p. 204.

¹⁷⁵ LAQUEUR, 2001, p. 233, nota 49

¹⁷⁶ De acordo com Laqueur, somente no século XVII que o termo “reprodução” começou ser usado, resultado da revolução científica e sua visão mecanicista das “funções” corporais. Até então, o termo utilizado era geração “que sugeria a repetição cotidiana do ato divino da criação com todo seu calor e luz” (LAQUEUR, 2001, p. 194). Utilizamos “órgãos reprodutivos” pois é como Londa Schiebinger nomeia estes órgãos em seu artigo.

¹⁷⁷ SCHIEBINGER, 2000, p. 28.

esqueletos de dois animais que “destacariam as características distintivas”¹⁸¹ entre “homens” e “mulheres”. No caso do esqueleto masculino, Barclay escolheu o esqueleto de um cavalo, “notável por suas marcas de força e agilidade” ao passo que, no caso do esqueleto feminino, o anatomista escolheu um avestruz, devido sua “pélvis grande e pescoço fino e longo”¹⁸².

Figura 2 – Esqueletos feminino e masculino do século XVIII expostos lado a lado com esqueletos de animais

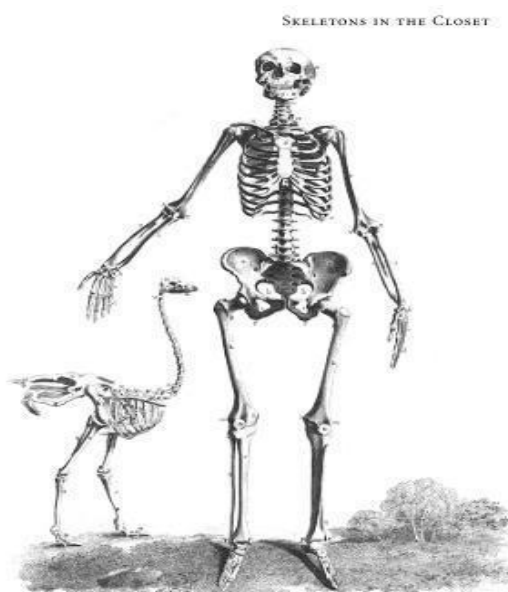


FIG. 4. John Barclay, 'Female Skeleton Compared to the Ostrich', in *The Anatomy of the Bones of the Human Body* (Edinburgh, 1829), plate 4. By permission of the Francis A. Countway Library of Medicine.

41

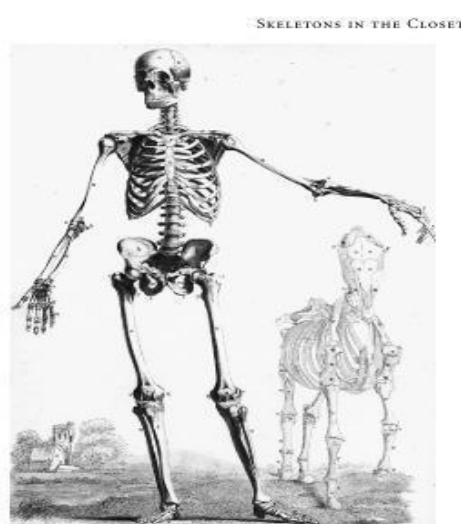


FIG. 3. John Barclay, 'Male Skeleton Compared to the Horse', in *The Anatomy of the Bones of the Human Body* (Edinburgh, 1829), plate 1. By permission of the Francis A. Countway Library of Medicine.

39

Fonte: Adaptado de Schiebinger (2000)

A invenção dos hormônios sexuais também desempenha um papel extremamente importante para compreender o funcionamento cis, ainda mais se levarmos em consideração a relação inextricável e quiasmática* da vida (natural e normal) com os laboratórios científicos. Os ciborgues, devemos ter em mente, não são exclusivamente humanos e a humanidade não é um subterfúgio para eles, por isso, pensar a organização dos corpos, isto é, sua transformação em organismo, é pensar sua construção laboratorial através de, novamente, animais e os testes performados com eles e neles. No século XIX, por exemplo, Charles-Édouard Brown-Séquard declara publicamente ter tido “um ganho acentuado em vigor e lucidez mental”¹⁸³ ao se aplicar injeções de extratos testiculares de animais, tais como cães. Alguns anos antes, em meados de

¹⁸¹ SCHIEBINGER, 2000, p. 38.

¹⁸² SCHIEBINGER, 2000, p. 40; LAQUEUR, 2001, p. 207.

¹⁸³ PRECIADO, 2018b, p. 169.

1860, Arnold Adolf Berthold interpretou o resultado de seu estudo sobre secreções internas de galos, ao remover ou realocar seus testículos, a partir da “retórica heterossexual da superioridade masculina e à natureza complementar dos sexos”¹⁸⁴ Estes casos evidenciam, como Laqueur expõe em seu livro, o peso que a cultura exerce na elaboração tecnocientífica dos corpos. Não só isso, eles também indicam a forma como dispositivos *hardware* estão implicados na produção dessa corporeidade e da própria natureza.

Os corpos cis assim como o corpo trans* são organizados, significados e subjetivados dessa maneira perante seu acoplamento à máquina social. Isso implica dizer que não são assim porque são assim mas o são porque estão inseridos em um circuito de máquinas desejantes que, funcionando dessa forma, passam a ver a si mesmos e aos outros dessa maneira. A somatécnica que está em funcionamento nesse momento é a mesma. Se o discurso médico e os discursos pessoais de pessoas trans*, por exemplo, muitas vezes convergem é porque ambos discursos são mediados pelo funcionamento cis. E a relação entre pacientes trans* e os espaços médicos revelam que

enquanto lugares de renegociações, as operações de mudança de sexo parecem resolver os ‘problemas’ (as ‘discordâncias’ entre sexo, gênero, e orientação sexual...). Mas, de fato, transformam-se nos cenários visíveis do trabalho da tecnologia [cis]heterossexual; evidenciam a construção tecnológica e teatral da verdade natural dos sexos.

Não existe saída da técnica e não há um estado de natureza, como propõe os clássicos nomes da política como Jean-Jacques Rousseau, Thomas Hobbes e John Locke, no qual haveria uma ausência de técnica e a elaboração de algo essencialmente natural e verdadeiro. Onde não havia o cis/trans, homem/mulher havia outras categorias/mecanismos de organização topográfica dos corpos/organismos. O que podemos reconhecer no desenvolvimento do Ocidente é a forma como o processo de engendramento, cada vez mais, ocupou papel central nessa história. O pressuposto do dimorfismo sexual que, com o passar do tempo, assume papel central e que hoje em dia nomeamos de cisgeneridade ou estética da diferença sexual não é a história naturalmente se desvelando. Ou a natureza historicamente acontecendo. Dedicar nossa atenção ao papel que as redes técnicas assumem no desenrolar da história nos possibilitará reconhecer isso que chamamos de funcionamento cis. Observar nossa história é também observar as técnicas implicadas no estabelecimento da natureza.

¹⁸⁴ PRECIADO, 2018b, p. 167.

4 IMPLICAÇÕES ÉTICAS, POLÍTICAS E TECNOCIENTÍFICAS DO CORPO POR VIR?

Nas linhas acima, nos esforçamos em evidenciar os movimentos que instituem a somatécnica que elabora e anima os corpos que chamamos de cisgênero assim como aqueles que, mais tarde, chamaremos de transgêneros. Em seu exercício, o poder-saber agencia o normal e o natural ao agenciamento somatécnico disciplinar-biopolítico transformando os corpos em “homens ou mulheres verdadeiros (cisgêneros)”, ao passo que pratica o altericídio com os corpos denominados “trans” ao lhes colocar no lugar de anormais e antinaturais, isto é, tecnológicos, sintéticos e falsos. Um de nossos esforços foi demonstrar como todos os corpos, seja qual for o adjetivo utilizado para classificá-los, são sempre e já tecnologizados e tal tarefa se deu através da utilização dos conceitos de sexo, gênero e sexualidade. A partir deles, foi possível vislumbrar a forma como a tríade poder-saber-verdade, frente às demandas colocadas pelas mudanças políticas e culturais, para não mencionar somente técnicas, moldaram um ideal regulativo de corpo tal qual aquele que ainda concebemos, qual seja masculino ou feminino, com um pênis ou uma vagina e, enfim, homem ou mulher, respectivamente.

Procuramos explorar nesta investigação como a tecnologia é central para o desenvolvimento dos corpos, seja ela no campo da metáfora, seja literal. Foucault, ao se interessar pelas tecnologias duras e suaves da disciplina, isto é, as instituições em suas dimensões (bio)arquiteturais e seus discursos, por exemplo, entende o disciplinamento dos corpos como uma tecnologia em si, isto é, uma tecnologia política dos corpos. Laqueur, por sua vez, demonstrou como a noção de gênero está ligada com os movimentos políticos, culturais e sociais que, por conseguinte, se desenrolaram atrelado ao desenvolvimento técnico que acompanhou a história do ocidente. Talvez o que nos tenha sido de maior importância, no entanto, fora a noção de somatécnica, uma vez que ela reconecta o cultural com o natural e a produção de ambos através da tecnologia. Isto é, a forma como abstrações sociais, culturais e históricas se tornam matéria, fatos tecnocientíficos e carne. No encontro entre natureza e cultura, portanto, residem as operações tecnológicas do poder-saber, sejam elas *soft* ou *hardware*, *high* ou *lowtech*, que dão origem ao corpo prótico do ciborgue. Pois se no século XX, por exemplo, os corpos de soldados mutilados deveriam ser próticamente reconstruídos para se encaixarem novamente à cadeia de produção capitalista¹⁸⁵, a produção dos corpos enquanto “homens” ou “mulheres” que vimos nascer no século XVIII já era uma forma de

¹⁸⁵ PRECIADO, 2017, p. 161-162.

inserir, através do sexo, da sexualidade e do gênero, os corpos nas nascentes relações sociais mediadas pelo capitalismo industrial.

A atividade de notar a construção tecnológica do corpo, pensar com os ciborgues e aceitar como próstética a construção do corpo faz emergir algumas linhas de fuga a partir das quais podemos pensar sobre qual, ou melhor, quais futuros gostaríamos de estar implicados na elaboração. “Torna-se impossível”, afirma Preciado, “estabilizar a prótese, defini-la como ou mecânica ou orgânica, como ou corpo ou máquina [pois ela] pertence por um tempo ao corpo vivo, mas resiste a uma incorporação definitiva.”¹⁸⁶ Nesse sentido, a história da tecnologia, assim como faz o ciborgue, nos obriga a abandonar a natureza como subterfúgio metafísico de qualquer justificativa para nossas certezas ou mazelas. Como afirma Preciado, os médicos, que se esforçam tanto em manter a ordem das coisas ao, por exemplo, corrigirem um corpo intersexual para corretamente lhe atribuir um sexo, são eles mesmos hiperconstrutivistas uma vez que “os papéis e as identidades de gênero podem ser artificialmente concebidos”¹⁸⁷. Sendo assim, as próteses que engendram os corpos, sejam elas *soft* ou *hard*, *high* ou *low*, apesar de parecerem tão ontologicamente essenciais, são elementos contingenciais com os quais podemos ir além ou – por que não? – abandonar de vez.

O desenvolvimento tecnocientífico alcança proporção microprostética no contexto farmacopornográfico, dado que as tecnologias que lhe caracterizam cada vez mais se infiltram corpo a dentro. Se o funcionamento cis, através dos anatomistas que vimos anteriormente, deteve-se em dois vetores para a construção do corpo (o esqueleto e o sistema “reprodutivo”), os tecnocientistas fáusticos buscaram no DNA as informações que identificariam o verdadeiro sexo e gênero de uma pessoa, além de encontrar meios de atualizar (*upgrade*) o corpo. DNA, neste contexto, é “nada menos que o texto bioquímico que codifica as especificações para a gênese de cada indivíduo [...] tratava-se de informação, texto codificado e inscrito num suporte biológico.”¹⁸⁸ A natureza do corpo, apesar de ainda se parecer estática e servir de base para uma verdade unívoca do ser, “é decomposta e recriada [...] de modos bem mais radicais [do que os anteriormente aplicados], inspirados no modelo informático-molecular”¹⁸⁹. Adentramos, assim, numa era pós-biológica caracterizada pela superação das ideias tradicionais da evolução, uma vez que a dependência humana à evolução aos moldes darwinianos se torna obsoleta e as eventuais e aleatórias mutações se tornam objeto de ação humana:

¹⁸⁶ PRECIADO, 2017, p. 163.

¹⁸⁷ PRECIADO, 2018b, p. 113.

¹⁸⁸ SIBILIA, 2015, p. 84.

¹⁸⁹ SIBILIA, 2015, p. 86.

Acontece que ambos os tipos de saberes [a genética e a neurociência] procuram desvendar os códigos, sinais e circuitos pelos quais trafega a informação vital dos seres humanos, afim de manipulá-la à vontade, corrigindo eventuais “falhas” ou “defeitos” e efetuando outros ajustes ou melhoras de acordo com as preferências de cada usuário, portador ou consumidor.¹⁹⁰

Portanto, nessa mudança no viés tecnocientífico, o que antes era considerado monstruoso agora passa a ser tratado como uma falha genética passível de tratamento e cura. A visão sobre pelos corporais na mudança do regime disciplinar para o farmacopornográfico é um ótimo exemplo: no século XIX, o hirsutismo e a hipertricose eram fenômenos somatopolíticos pertencentes ao regime disciplinar e eram encontrados, em sua maioria, em demonstrações públicas ou circos de aberrações, como foi o caso de Krao Farini que, por exemplo, também foi exibida em zoológicos. Juliana Fausto traz à tona um folheto de 1887 que apresenta Krao Farini, e o fenômeno da hipertricose, como prova do argumento darwiniano de que os humanos e os macacos compartilham de um ancestral comum, a monstruosidade dos pelos sendo o “elo perdido” entre o humano e o animal.¹⁹¹ No regime farmacopornográfico, no entanto, “o 'hirsutismo' é transformado em quadro clínico, tornando as mulheres clientes em potencial do sistema médico e consumidoras de moléculas manufaturadas [...]”¹⁹² Preciado aponta que, além de uma “simples” mudança de perspectiva, esse novo viés sobre o corpo continua com sua finalidade política e normativa. Não diferentemente dos antropólogos, etnólogos e etologistas anteriores, que elaboraram os padrões de humano e extra-humanos através da segmentação do corpo em sexos e raças distintas, os atuais médicos, biólogos, geneticistas, entre outros tantos tecnocientistas implicados na construção bioarquitetural dos corpos, continuam a operar através de um esquema normativo que segmenta o corpo através dos mesmos vetores.

Sendo assim, nos cabe questionar quais os caminhos que devemos seguir frente à normalização tecnológica do corpo e da vida. Por exemplo, a *Laboria Cuboniks*, coletiva feminista, “busca dismantelar o gênero, destruir ‘a família’ e dar cabo da natureza como garantidora de posições políticas geradoras de inequidade”¹⁹³. O *Manifesto Xenofeminista* é ótimo exemplo de um deslizamento somatécnico contrassexual, dado que seu objetivo centra-se em descrever os meios de superar os limites altericidas impostos pelo normal e pelo natural. Nas palavras do *Manifesto*, visa-se o exorcismo, quanto mais rápido, melhor, do normal e do

¹⁹⁰ SIBILIA, 2015, p. 111.

¹⁹¹ FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: n-1 edições, 2020, p. 136.

¹⁹² PRECIADO, 2018b, p. 124.

¹⁹³ Trecho adaptado do inglês da seguinte fonte: https://monoskop.org/Laboria_Cuboniks. Acesso em: 09 mar. 2022.

natural biológicos uma vez que “a glorificação do ‘natural’ não tem nada pra nos [*queer* e trans entre nós, às pessoas com diversidade funcional, assim como aqueles que sofreram discriminação devido à gravidez ou às tarefas ligadas à criação dos filhos] oferecer”¹⁹⁴ Tal exorcismo – uma tarefa perigosa – se trata não de ignorar ou tratar como inerentemente maléfica a tecnociência e suas tecnologias, mas, ao contrário, de “fazer um uso estratégico das tecnologias existentes para re-desenhar o mundo”¹⁹⁵.

Recorrer à natureza, “defendendo declarações de se ter ‘nascido’ dessa maneira, como oferecendo uma desculpa com a benção da natureza”¹⁹⁶ para o desvio da cisheteronorma, é radicalmente desencorajado, uma vez que fazê-lo seria se inserir cada vez mais, objetiva e subjetivamente, no funcionamento cis. O *Manifesto* vira-se em direção à “volatilidade do mundo e sua artificialidade” e não em direção de “uma plural, mas estática, constelação de identidades de gênero, em cuja luz devastadoras identificações do bom com o natural são restauradas obstinadamente”¹⁹⁷. Re-desenhar o mundo e exorcizar a natureza são tarefas que “não [dependem] da rejeição de tecnologias em nome da natureza, e sim do uso diferenciado e da reapropriação das técnicas de produção de subjetividade”, isto é, “envolvimento e acesso à produção, circulação e interpretação dos biocódigos somatopolíticos”¹⁹⁸. Nesse sentido, as xenofeministas afirmam que

A nossa sorte se lança com a tecnociência, onde nada é tão sagrado que não possa ser reinventado e transformado para ampliar a abertura de nossa liberdade, estendendo-se ao gênero e o humano. Dizer que nada é sagrado, que nada é transcendente ou protegido da vontade de saber, de modificar, de hackear, é dizer que nada é sobrenatural. A “Natureza” entendida aqui como a arena ilimitada da ciência – é tudo o que há. E então, desmantelando a melancolia e a ilusão, o não-ambicioso e o não-escalável; o puritanismo libidinizado de certas culturas online, e a Natureza como um dado não-refactível, nos deparamos com o fato de que o nosso anti-naturalismo normativo nos levou até o naturalismo ontológico. Não há nada, declaramos, que não possa ser estudado cientificamente e manipulado tecnologicamente.¹⁹⁹

Ao invés de verem a tecnociência como a manifestação da opressão masculinista do patriarcado, ela aparece aqui como “a suspensão [do gênero]” e o racionalismo “deve, em si, ser um feminismo.”²⁰⁰ Como afirma Deleuze, cabe o trabalho de buscar novas armas sem as quais não conseguiremos escapar das amarras tecnocientíficas dominantes. Este processo, no

¹⁹⁴ LABORIA CUBONIKS, **Manifesto Xenofeminista: Uma política pela alienação**. [S.l.: s.n.], 2015. Disponível em: <https://laboriacuboniks.net/manifesto/xenofeminismo-uma-politica-pela-alienacao/>. Acesso em: 09 mar. 22

¹⁹⁵ LABORIA CUBONIKS, 2015, não paginado.

¹⁹⁶ LABORIA CUBONIKS, 2015, sn.

¹⁹⁷ LABORIA CUBONIKS, 2015, sn.

¹⁹⁸ PRECIADO, 2018b, p. 139.

¹⁹⁹ LABORIA CUBONIKS, 2015, sn.

²⁰⁰ LABORIA CUBONIS, 2015, sn.

entanto, não passa pela negação e ignorância frente aos processos tecnocientíficos e somatécnicos nem pela naturalização ou normalização, em termos hegemônicos, daquilo que até hoje é considerado desviante. Não queremos um organismo, mas, ao contrário, desejamos a produção de um Corpo Sem Órgãos com o qual podemos desorganizar a norma e a natureza e nos dessubjetivizar; um CsO com o qual podemos devir com os n sexos, sexualidades e gêneros minoritários sem buscar enquadrá-los na linguagem tecnocientífica dominante. Queremos

fazer [...] um agenciamento maquínico com o hormônio ou com algum outro código vivo: pode ser uma linguagem, uma música, uma forma, a relação com uma planta, um animal ou outro ser vivo. [Queremos] estabelecer uma comunicação transversal com o hormônio, até que esta borre, ou melhor, eclipse isto que vocês chamam de fenótipo feminino [ou masculino] e permita despertar outra genealogia.²⁰¹

²⁰¹ PRECIADO, 2020c, p. 45.

5 REFERÊNCIAS

AULA A Invenção da Heterossexualidade com Helena Vieira [S.l.: s. n.], 2021 (1h55min). Publicado pelo canal Pausa Para o Fim do Mundo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mt2dbhRYAE4>. Acesso em: 09 mar. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTRO, Celso (org.). **Evolucionismo cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 121-156.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3. edição. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs, vol. 1**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs, vol. 3**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011b.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality**. New York: Basic Books, 2000.

FAUSTO, Juliana. **A cosmopolítica dos animais**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

FAVERO, Sofia; MARACCI, João Gabriel. Por que falamos em cisnormatividade? **Diplomatique**, 09 fev. 2022. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/por-que-falamos-em-cisnormatividade/>. Acesso em: 09 mar. 2022.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: Uma arqueologia das Ciências Humanas**. 8. edição. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: Curso no Collège de France (1974-1975)**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. São Paulo: Vozes, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 27. edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014b

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, vol. 1: A vontade de saber**, 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017a.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017b.

GHOST in the Shell. Direção de Mamoru Oshii. Japão: Production I.G, 1995. 1 filme (83 min). Disponível em: <https://www.netflix.com/title/540533>. Acesso em: 09 mar. 2022.

GIBSON, William. **Count Zero**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2017.

HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham and London: Duke University Press, 2016

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 157-212.

HAUSMAN, Bernice L. **Changing Sex: Transsexualism, Technology, and the Idea of Gender**. Durham and London: Duke University Press, 1995.

KATZ, Jonathan Ned. **The Invention of Heterosexuality**. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEITE JR, Jorge. **Nossos corpos também mudam: A invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2011.

MACHADO, Paula Sandrine. **O sexo dos anjos: Representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, 2008.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Beatriz. **¿La muerte de la clínica?** Sauce Viejo: bocavulvaria ediciones, 2015. Disponível em: <https://bocavulvariaediciones.blogspot.com/2016/06/la-muerte-de-la-clinica-beatriz-paul.html>. Acesso em: 09 mar. 2022.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul B. **Countersexual manifesto**. New York: Columbia University Press, 2018a.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018b.

PRECIADO, Paul B. **Transfeminismo**. Séries Pandemia. São Paulo: n-1 edições, 2018c.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *In*: Heliosa Buarque de Hollanda (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 421-430.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia**. São Paulo: n-1 edições, 2020a.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano: crônicas da travessia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020b.

PRECIADO, Paul B. **Yo soy el monstruo que os habla: informe para uma academia de psicoanalistas**. Barcelona: Anagrama, 2020c.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**. A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SCHIEBINGER, Londa. Skeletons in the Closet: The First Illustrations of the Female Skeleton in Eighteenth-Century Anatomy. *In*: SCHIEBINGER, Londa (ed.). **Feminism and the body**. New York: Oxford University Press, 2000.

SILVA, Mariah Rafaela. **Corpos antropofágicos: supermáquina e interseccionalidade em cartoescrita de fluxos indisciplinados**. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Amazonas – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Manaus, 2018.

STRYKER, Susan; PUGLIESE, Joseph. The somatechnics of race and whiteness. **Social Semiotics**, vol. 9, n. 1, 2009, pp. 1-8.

SULLIVAN, Nikki; MURRAY, Samantha (eds.). **Somatechnics: Queering the Technologisation of the Body**. Surrey: Ashgate Publishing Limited, 2009.

SULLIVAN, Nikki. Somatechnics. **Transgender Studies Quarterly**. vol. 1, n. 1-2, 2014. p. 187-190.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Linha: Cultura e Identidade, Salvador, 2015.